

HISTÓRIA DA PEDAGOGIA EM PORTUGAL

III

Crise do Ensino na Europa, determinada pela Renascença

Assim como a organização das Universidades, no seculo XIII, representa uma profunda crise no ensino europeu provocada pela propagação da Philosophia dos Arabes e da Logica byzantina, egualmente a Renascença no seculo XVI, embora resultante do entusiasmo pelas descobertas da antiguidade classica, vem imprimir ás intelligencias um novo impulso pela generalisação do criterio experimental e abandono da esterilidade dialectica. As consequencias d'esta nova direcção foram da mais alta importancia; as corporações officiaes continuaram a transmittir no seu ensino as concepções tradicionaes, e a liberdade do pensamento exerce-se no isolamento individual, sob as perseguições dos poderes constituídos, até que esses investigadores experimentalistas se agrupam espontaneamente, e sem intuitos docentes, nas Academias scientificas, que vieram a prevalecer no seculo XVII.

Para avaliar esta crise pedagogica, importa conhecer o phenomeno social da Renascença, extremamente complexo pela variedade dos successos impulsivos que contém, e pela falsa noção a que o titulo de Renascença conduz. O seculo XVI não regressa ao passado pelo facto de communicar directamente com as obras dos philosophos gregos, por vulgarisar pela Imprensa as maravilhas da Literatura hellenica e admirar os prodigios da sua architectura e

esculptura, ou mesmo por fundar a sciencia politica pelo estudo das obras de Thucydides e Aristoteles. No meio d'esta paixão pelo passado havia um espirito de revolta contra as concepções preponderantes da Edade media, como se vê em Luiz Vives e todos os Humanistas, e uma expansão de originalidade, de independencia mental, e de concepções que na sua parte analytica vieram a definir-se em Kepler e Galileo, e na sua parte synthetica em Bacon e Descartes.

As mudanças de concepções correspondem quasi sempre a modificações da organização social; e o que vimos na relação dos Par-lamentos simultaneos com as Universidades, vemos agora no estabelecimento das Monarchias absolutas e o individualismo critico, scientifico, philosophico e politico que se impõe desde o seculo xvi até á crise franceza da Revolução. N'esta substituição de concepções é natural a oscillação, em que as velhas idéas parecem adquirir mais vigor, como se vê pela recrudescencia do Humanismo quando os Jesuitas se apoderam habilmente do ensino europeu; porém esse vigor embora se prolongue por mais de um seculo, é ficticio, revelando na severidade didactica a inanidade do espirito que o alenta. Entre as Universidades italianas e a de Paris é que se definiu melhor o conflicto mental entre o livre pensamento scientifico e a conservação da submissão á theologia medieval. Compre-hende-se pois como é que no começo do seculo xvi, Portugal sob o governo dos fanaticos D. Manoel e D. João III povoou com alumnos as escholae de Paris.

A Renascença, como um phenomeno complexissimo nos factos que tambem encerra, não pôde ser fixada de um modo chronologico categorico. Postoque ella seja em si uma consequencia de duas renascenças anteriores, a da entrada dos Arabes no Occidente, e a que começa com as Cruzadas, os seus limites chronologicos devem estabelecer-se como quer Lange « desde o meado do seculo xv até ao meado do seculo xvii. »¹ Dentro d'estes dois seculos de enorme actividade, a Renascença da Europa apresenta tres crises successivas, que se influem simultaneamente, fazendo d'essa época dignamente o começo da civilisação moderna.

O primeiro periodo pôde caracterisar-se como *philologico e artistico*.

O segundo periodo como *theologico e critico*.

O terceiro como *scientifico e philosophico*.

¹ *Hist. du Materialisme*, t. I, pag. 200. (Trad. Pommerol).

Sabe-se já qual foi a influencia da descoberta da Imprensa no ensino europeu, substituindo ao *lente* o professor, á palavra do pulpito ou da cadeira o texto do livro accessivel ao vulgo. A fuga dos sabios byzantinos para as cidades da Italia por occasião da tomada de Constantinopla pelos Turcos, fez com que se generalisassem as obras litterarias da Grecia, e portanto que o acanhado humanismo latino se aperfeçoasse com essa corrente do hellenismo, orgão de idéas universaes que se haviam perdido na expansão de Alexandre para o Oriente. Sob Lourenço de Medicis (1470-1492) o Platonismo puro recebido do conhecimento directo da obra d'este philosopho, repelle esse platonismo desvairado da escola de Alexandria, assim como o Aristotelismo averroista é substituido pelo Aristotelismo alexandrista, em que, como diz Draper: « as puras doutrinas de Aristoteles vêm em lugar das baixas doutrinas aristotelicas das escolhas.»¹ N'esta reivindicção das doutrinas do stagyrita, Portugal acha-se dignamente representado pelo triumpho de Antonio de Gouvêa, que impoz o respeito que se deve ter pelo grande philosopho, conhecido directamente seu texto, contra Pedro Ramus, que protestava com razão contra o Aristoteles deformado pelas apostillas escolasticas. O latim tambem foi mais profundamente conhecido pelos eruditos italianos, como Lourenço Valla, Angelo Policiano, Pic de la Mirandola, que procuravam restabelecer como fôrma definitiva a elocução *ciceroniana*. A Italia era o fôco da cultura latinista, e Valla proclamava nos seus desalentos politicos: « Perdemos a nossa supremacia, mas pela virtude deslumbrante da lingua latina, nós ainda dominamos sobre uma grande parte do universo. Nossa é a Italia, nossa a Hespanha, a Allemanha, a Pannonia, a Dalmatia, a Illyria, e tantos outros povos. Porque, onde quer que reina o idioma romano, ahí se conserva o imperio de Roma.» Á sombra d'este conhecimento da lingua latina é que a Egreja dominára nos espiritos, como interprete da Biblia, e como possuidora da linguagem da liturgia. O conhecimento philologico do latim e do grego veio emancipar os espiritos, revelando que nos escriptores gregos existiam idéas de ordem tão elevada como na Biblia, e conduzindo pela analyse dos novos grammaticos latinos á critica dos textos, e a esse racionalismo que provocou a Reforma religiosa. Draper viu claro o alcance d'esta parte philologica da Renascença: « O renascimento da pura latinidade e a introduccção do grego lançaram os fundamentos de uma critica mais correcta. Uma idade de

¹ *Hist. du Développement des Idées*, t. II, pag. 135.

erudição era inevitável, na qual tudo o que não pudesse sustentar um exame profundo seria implacavelmente rejeitado.»¹ Assim, como observa ainda Draper, pelo desenvolvimento da philologia em critica, a intelligencia europêa achou-se naturalmente na crise religiosa, a que se chamou de um modo restricto — a Reforma; o celebre latinista Nebrixa, que inicia os estudos humanistas na Hespanha, foi accusado á Inquisição por ter tido a audacia de apontar alguns erros de grammatica na versão da Vulgata. O poder moral de Erasmo na Europa resultava da sua livre critica philologica. Comprehende-se o terror da Igreja ao vêr fugir-lhe o seu poder espirital; primeiramente considerou como heretico o acto de traduzir para as linguas vulgares a Biblia, e depois tratou de organizar um corpo de latinistas, que luctando com os philologos da Renascença, se apoderassem do ensino publico obstando ao desenvolvimento das linguas vulgares. Tal foi a causa do estabelecimento dos Jesuitas, no segundo quartel do seculo xvi, para subordinarem este movimento philologico á Igreja: « Os jesuitas blasonavam de formarem o laço entre a religião e a litteratura.»² Alguns philologos do seculo xvi cahiram n'esta illusão, como se vê por estas palavras de João Sturm: « Congratulo-me por vêr fundar este instituto, por dous motivos: o primeiro é que tomando parte na nossa obra, dedicam-se á cultura das sciencias, porque eu tenho visto que auctores elles explicam e que methodo seguem, um methodo que se afasta tão pouco do nosso, que se diria que temol-o bebido nas mesmas fontes; o segundo é que elles nos obrigam a redobrar de ardor e de vigilancia, se nós não quizermos deixal-os desenvolver mais zelo do que nós, e formar discipulos mais letrados e sabios do que os nossos.»³ N'esta concorrência activa, os Jesuitas pelo absoluto imperio do latim não crearam, nem deixaram crear uma *instrucção popular*, mas definiram no ensino publico europeu o typo da *instrucção secundaria*, exclusivo dos seus Collegios, o qual ainda prepondéra nos Gymnasios e Lyceus modernos.

É a começar no seculo xv, que as Litteraturas modernas são escriptas não nos dialectos vulgares como as tradições da Edade media, mas nas linguas nacionaes, isto é, os dialectos que se tornam exclusivos conjunctamente com o facto politico da unidade na-

¹ *Hist. du Développement des Idées*, t. III, pag. 150.

² Draper, op. cit., t. III, pag. 172.

³ Ap. André, *Nos Maîtres — hier*, pag. 149.

cional de um povo. A Igreja perdia no seu poder espiritual, porque o sentimento popular achava alimento nas creações profanas das suas litteraturas; Draper notou tambem este facto: « A preponderancia do latim era a condição da sua força; sua decadencia, sua ruina e desaparecimento, o signal da redução do seu dominio a um pequeno principado italiano. De facto, o desenvolvimento das linguas européas foi o instrumento da sua ruina. » ¹ N'esta luta para salvar um poder que lhe fugia, a Igreja começou por considerar toda a actividade do pensamento como uma heresia, amaldiçoando-a com anathemas e com o canibalismo das fogueiras. Usando da sua influencia junto do poder temporal, organisou a resistencia pela força bruta, lançando contra as novas idéas os Dominicanos (*Domini canes*) que se consideravam por um terrivel trocadilho os Cães de Deus, para farejarem a impiedade, e deu-lhes o privilegio de julgarem da heterodoxia nos Autos de Fé, da Inquisição. Este terrivel tribunal foi instituido em Portugal por bulla de 23 de maio de 1536, nas vesperas da reforma da Universidade de Lisboa, em 1537. Como porém a Europa da Renascença já não era a Europa do seculo XIII, a Igreja acceita o movimento intellectual para desviar-o em sua vantagem, e aproveita a instituição da Companhia de Jesus, organisada em Paris, para se apoderar do ensino publico dos Collegios e Universidades. Assim a reforma da Universidade feita pelos Gouvêas em 1542, é annullada pela entrega da Universidade de Coimbra aos Jesuitas em 1545. Pela importancia singular que o Dr. Diogo de Gouvêa tinha junto de D. João III, é que a nova instituição da Companhia de Jesus foi admittida em 1540 em Portugal, aconselhando-o a que lhe confiasse o ensino da nobreza: « deu este alvitre a el-rei o Doutor Diogo de Gouvêa, portuguez e pessoa de grande auctoridade, que tinha sido Reitor do Collegio de Santa Barbara, naquellas celebres escholhas de Paris, quando ali estudaram Santo Ignacio e seus companheiros. » ² Os Jesuitas pagaram com a costumada ingratição áquella illustre familia de humanistas, lançando fóra da Universidade de Coimbra os professores trazidos por André de Gouvêa, quando em 1542 veiu de Paris reorganisar os estudos superiores; destruíram a sua obra, e com a fundação do Collegio das Artes fizeram o assalto á Universidade, de que se apoderaram em 1550 por ordem de D. João III. Aqui temos

¹ Op. cit., t. III, pag. 431.

² P. Balthazar Telles, *Chronica da Companhia*, liv. I, c. IV, pag. 15.

em presença uma da outra a Ordem dos Dominicanos e a Companhia de Jesus, uma antiga, com perstigio e a auctoridade, com o privilegio dos Autos de Fé, para extirpar pela fogueira os hereticos e pensadores; a Companhia era recente, nascida no meio das dissidencias doutrinarias da Igreja, quando estava triumphante a Reforma na Allemanha, quando todo o fervor religioso era suspeito, sendo por isso chasqueados e apupados como *Franchinotes*. Os Dominicanos não podiam vêr com bons olhos estes novos concorrentes. Se era preciso manter a auctoridade da doutrina catholica, elles bastavam com as suas fogueiras; os seus Autos de Fé eram feitos com pompa, como uma festa publica, e desempenhavam-se com um canibalismo sincero. O Jesuita transigiu em quanto á doutrina, mas teve só em vista manter a auctoridade temporal do Papa, tornando-se o seu corpo diplomatico em todas as côrtes da Europa, como confessor dos reis e da aristocracia. Em Portugal não foram bem recebidos os Jesuitas; na côrte dominavam os Dominicanos, que haviam alliciado para si o infante D. Henrique, Inquisidor-general, (3 de julho de 1539) mas os Jesuitas apoderaram-se do animo do rei, que lhes deu logo a direcção exclusiva do ensino dos moços fidalgos. Sobre uma tal base é que elles luctaram vencendo todas as difficuldades, apoderando-se dos moços das familias mais poderosas, e obtendo dotações e rendas para a fundação de Collegios. Por fim o proprio Cardeal-Infante-Inquisidor veio a reconciliar-se com os Jesuitas, aos quaes o papa Paulo III dava as mais absolutas isempções, como á sua milicia secreta. Os Dominicanos continuaram a queimar hallucinados de demonomania, mas este meio era impotente para abafar o movimento intellectual da Renascença da Europa, que provocára a dissidencia religiosa da Reforma; os Jesuitas foram com a corrente do seculo, fizeram-se humanistas, pedagogos, e explicaram nas suas escholas em longos exercicios de rhetorica os monumentos da litteratura greco-romana, préviamente recortados nas suas *Selectas*. A recrudescencia dos Dominicanos, e o fervor nascente dos Jesuitas foram nas nações occidentaes a consequencia d'esse outro movimento esteril do Protestantismo nos povos do norte. No Occidente a actividade scientifica pôde exercer-se, pela conciliação artificiosa das *Duas Verdades*, accumulando-se as observações e experiencias que conduziram á synthese philosophica da Renascença. Onde o Protestantismo entrou, toda a actividade de espirito foi desgraçadamente dispendida em questões theologicas, e em um puritanismo de boa-fé, que por praticas severas de liturgia imprimiu no cidadão o sello da subordinação muda; a Allemanha, é factó, que iniciou a Reforma, mas ficou fóra da corrente da civilisação até ao fim do seculo XVIII, quando recebeu o influxo dos incredulos Encyclopedistas francezes.

A Reforma é um palavrão rhetorico, uma especie de entidade nominal, a que se attribue uma acção emancipadora da consciencia humana; bem observados os factos na evolução allemã e ingleza, vê-se que estes dois povos se esgotaram em luctas religiosas, e quando conseguiram tomar parte nas descobertas scientificas modernas, não chegaram comtudo ainda a vencer o seu atrazo politico. Os povos catholicos do Occidente, os que estavam mais em contacto com a Egreja e melhor conheciam os seus vicios, cahiram n'esse scepticismo benevolo da tolerancia, e tomando a razão como elemento de um novo poder espiritual, lançaram-se ao estudo e investigação dos phenomenos da Natureza. É da Italia que sae este impulso, que determina a phase scientifica da Renascença, como escreve Draper: «Era nas Universidades e Academias eruditas que fermentava a heresia: a Universidade de Padua passou desde longo tempo por um fôco de atheismo, e a cada instante eram suppridas Academias por causa de heresia, taes como a de Modena e Veneza entre outras.»¹ Diante da severidade dos experimentalistas, os dados *objectivos* adquirem um poder de convicção nos espiritos, e as concepções *subjectivas* da theologia procuram debalde sustentar-se pela habilidade da argumentação dos dialecticos. N'este ponto a Renascença, na phrase pittoresca de Michelet, foi uma reabilitação da Natureza, abandonada pelos mysticos e amaldiçoada pelos theologos. Tal foi o caracter da grande crise dos espiritos da Europa no seculo xvi, preponderando o criterio da obectividade sobre o velho saber tradicional, hypothetico e subjectivo das escholas. Goethe formulou com profunda intuição este caracter de objectividade na influencia intellectual de uma época: «Em todo o esforço sério, duravel, scientifico ha um movimento da alma para o mundo; vós o constataes em todas as épocas que têm verdadeiramente avançado pelas suas obras: ellas estão completamente voltadas para o mundo exterior.»² De facto na renascença do seculo xiii esse caracter de objectividade, é proclamado em toda a sua altura por Roger Bacon, no *Opus tertium*: «Eu chamo sciencia experimental aquella que despreza as argumentações, porque os mais fortes argumentos nada provam emquanto as conclusões não forem verificadas pela experiencia.» Como porém se pretendia conciliar no seculo xiii as affirmações theologicas e metaphysicas com o titulo de *Duas Verdades* (theologica e philo-

¹ *Hist. du Développement des Idées*, t. iii, pag. 461.

² *Conversas com Eckermann*.

sophica) Bacon protesta, que a verdade só pôder provir da sciencia, sem que esta esteja dependente de outras concepções: « A sciencia experimental não recebe a verdade das mãos das sciencias superiores; ella é que é a dominadora, e as outras sciencias suas serventuarias. — A sciencia experimental é a rainha das sciencias e o termo de toda a especulação. — Nós temos meios bem diversos de conhecimento, taes como a auctoridade, o raciocinio e a experiencia; porém a auctoridade não tem valor se lh'o não ligarem, ella não faz comprehender cousa alguma, mas simplesmente crêr; ella impõe-se ao espirito sem esclarecel-o. Quanto ao raciocinio, não se pôde distinguir o sophisma da demonstração senão verificando a conclusão pela experiencia e pela pratica. »¹ Estes principios fundamentaes da synthese positiva comprehendidos no seculo XIII, não tinham ainda o apoio das descobertas astronomicas e physicas para se imporem a todos os espiritos; por isso Bacon foi perseguido como heretico. O trabalho isolado dos experimentalistas accumulou os materiaes para a nova construcção, e no seculo XV as descobertas do systema planetario, da America e do Oriente, da Imprensa e da circumducção do globo pelo portuguez Fernão de Magalhães, da polvora applicada á artilheria, e dos textos authenticos das obras de Aristoteles, conduziram para uma emancipação da intelligencia e da consciencia, e muito antes do chanceller Bacon e de Descartes, o seculo XVI entrava em um *consensus* mental, que é a synthese ou o espirito da Renascença. Esta profunda crise dos espiritos determina uma alteração fundamental do systema de Ensino na Europa; á *Auctoridade* da Igreja e á *Dialectica* das Universidades, segue-se a comprovação *experimental*, que não depende da sancção dos Papas nem dos Reis. Eis a terceira phase da Pedagogia, iniciada no seculo XVI, mas viciada pelo ensino dos Jesuitas, que, para afastarem os espiritos da curiosidade experimental das sciencias, esgotaram as intelligencias nos artificios da *Dialectica* para subordinarem a razão á *Auctoridade*. O quarto termo d'esta progressão será aquelle em que os dados *objectivos* da experiencia se systematisem pela razão em synthese subjectiva ou normal, e em que a auctoridade seja a consideração dos elementos evolutivos ou historicos por onde se chegou ao conhecimento.

Durante toda a Edade media a Igreja exercera sobre as intelli-

¹ Ms. de Douai, cit. por Viollet le Due, *Entretiens sur l'Architecture*, pag. 460.

gencias uma absoluta auctoridade, pela credulidade imposta pelos seus dogmas; aquelle que discutia, ou fazia escolha dos elementos doutrinaríos mais plausiveis, era condemnado por heretico. Junto do poder civil começou a desenvolver-se a liberdade intellectual, e deve-se a Frederico II a vulgarisação das sciencias professadas nas escholas arabes, que activou as especulações philosophicas e criticas. Não era só na Biblia que existia a verdade, como o proclamava a Igreja; os poetas e escriptores da antiguidade tambem tinham entrevisto as altas concepções moraes. No começo do seculo XI, Vilgard da eschola de Ravenna, como o confessa Glaber, ensinava que a verdade se achava nos poetas antigos, mais do que nos mysterios christãos.¹ O confronto critico dos tres monotheismos, a religião mosaica, christã e islâmica, passou das discussões dialecticas para a idealisação da litteratura do fim da Edade media, e facilmente o deismo dos que sacudiam o jugo da theologia terminava em um franco atheismo. N'esta lucta da intelligencia critica, esse confronto das tres religiões monotheicas foi mythificado em um livro phantastico, sem realidade, a que o seculo XIII chamou *Os tres Impostores*, attribuindo-o successivamente a todas as intelligencias que haviam sacudido o jugo theologico; primeiramente attribuiram-o a Averroes, para stigmatizar o influxo da philosophia dos Arabes, depois a Frederico II, por isso que a protegia, e seguidamente a Pedro della Vigna, Arnaldo de Villa Nova, Poggio, Boccacio, Aretino, Machiavelli, Champier, Pomponaço, Cardan, Ockin, Servet, Postel, Campanella, Muret, Jordano Bruno, Spinosa, Hobbes, e Vanini,² a todos quantos desenvolveram a actividade philosophica. Mesmo a Portugal chegou esta tradição do *Livro dos tres Impostores*, trazida por um certo Thomaz Scott, como se sabe pela noticia de Alvaro Pelagio: «Em uma obra inedita, *Collyrium fidei contra haereses*, Alvaro faz menção de um certo Thomaz Scott, ora minorita, ora dominico, com o qual tinha argumentado muitas vezes e que se achava então (começo do seculo XIV) nas prisões de Lisboa, por ter-se atrevido a repetir por toda a parte que tinham existido no mundo tres impostores (*tres fuisse in mundo Deceptores.*)» Victor Leclerc, de quem tomamos este facto, observa: «Como esta impiedade já antiga, e que Gabriel Barlette, no seu sermão de Santo André attribue por antecipação a Prophyrio, chegou

¹ Renan, *Averroës*, pag. 227.

² Idem, *ibid.*, pag. 235.

a divulgar-se até Lisboa? » ¹ Nos Contos populares da tradição medieval tambem andava esta idéa em fôrma de Parabola, no *Gesta Romanorum*, (conto LXXXIX) no *Novellino antico*, (nov. LXXII) no *Decameron* de Boccacio, (jorn. I, novell. 3) vindo através das versões oraes receber fôrma litteraria no *Conto do Tonel* de Swift e no drama *Nathan o Sabio*, de Lessing. ² Assim, a par da *Verdade theologica*, reconhecia-se que existia tambem uma *Verdade philosophica*, doutrina que se começou a professar no seculo XIII na Universidade de Paris, onde o lente João de Brescain, em 1247 se justificava das censuras episcopaes, dizendo, que aquillo que lhe impu-tavam como heresia era ensinado *philosophicamente* e não *theologicamente*. ³ A Igreja formulava o principio: « Nada se pôde saber mais, porque a theologia sabe tudo o que é possivel saber-se. » A par d'esta these surgia a contraria: « Os verdadeiros sabios d'este mundo são unicamente os philosophos. » ⁴ Uma vez destruida a Auctoridade dos dogmas, a Igreja, que sempre condemnára Aristoteles, teve de admitir o seu *Organum*, para se reforçar com a dialectica. Os Philosophos, que só admittiam como verdade as especulações racionaes, dividiram-se sob a tradição averroista de Aristoteles, e sob a renovação do idealismo de Platão; na Italia é onde se observam claramente estas duas correntes mentaes: « O renascimento do hellenismo, que se annunciava em Padua, em Veneza e no norte da Italia pelo regresso ao texto verdadeiro de Aristoteles, manifestava-se em Florença por um regresso a Platão. Florença e Veneza são os dois pólos da philosophia, como da arte, em Italia. Florença e a Toscana representam o ideal na arte, e o espiritualismo na philosophia; Veneza, Padua, Bolonha, a Lombardia, representam o realismo, o racionalismo, o espirito exacto e positivo. Platão convinha só aos colloquios de Careggi e dos jardins de Rucellai; Aristoteles ás instituições reflectidas de Veneza. » ⁵ Para que esta dissidencia especulativa terminasse era preciso vir á verificação experimental das sciencias inductivas ou de observação; assim no seculo XVI a auctoridade de Aristoteles é discutida n'esse grande certamen do portuguez Antonio de Gouvêa com Pedro Ra-

¹ *État des Lettres au XIV^e siècle*, t. II, pag. 46.

² Edelestand Duménil, *Hist. de la Poésie scandinave*, pag. 345.

³ Lange, *Hist. du Matérialisme*, t. II, pag. 202.

⁴ Idem *ibid.*

⁵ Renan, *Averroès*, pag. 309.

mus; e outro portuguez, Francisco Sanches, na impossibilidade de se elevar á synthese cartesiana, chega a esse singular Negativismo do seu livro *Quod nihil scitur* ¹.

É extremamente notavel na historia a repetição dos mesmos factos, como phenomenos de um organismo; quando no seculo XIII, Roger Bacon inicia o criterio experimental como conduzindo á verdade, abandonando a auctoridade e a dialectica, tambem ataca Aristoteles, dizendo: «Ha meio seculo apenas, Aristoteles era suspeito de impiedade e proscripto das Escolas. Eil-o hoje erigido em mestre soberano! Qual é o seu titulo? É sabio, diz-se; seja, embora, mas não soube tudo. Fez o que era possivel para o seu tempo, mas não attingiu o limite da sabedoria... Porém, diz a Eschola, é preciso respeitar os antigos.» É contrapõe-lhe: «os mais novos são na realidade os mais velhos; as gerações modernas devem exceder em luzes as de outr'ora, porque são herdeiras de todos os trabalhos do passado.» ² Na crise intellectual da Renascença, em que vem a preponderar o criterio experimental, reaparece o julgamento de Aristoteles: uns rejeitam-no como Ramus; Gouvêa e os Protestantes querem que seja estudado como o mestre de toda a objectividade nos seus textos authenticos; e a Companhia de Jesus vicia o problema impondo o Aristotelismo, não o que resulta da comprehensão directa dos textos, mas do confronto fatigante das opiniões de todos os commentadores. Já não era possivel obstar ao desenvolvimento do criterio experimental; as suas descobertas impunham-se á razão, obrigando-a a reconstruir a sua synthese, e fazendo-a desprezar o velho e esteril formulismo dialectico. Desde Bacon, que se accumulavam as verdades experimentaes ou scientificas; em 1460 Alliaco publica a *Imago mundi*, o livro sobre que meditava Christovam Colombo, em 1468 Toscanelli colloca o seu gnomon na cathedral de Florença, em 1482 imprimem-se as obras de Euclides com figuras em cobre; Leonardo de Vinci (1452-1519) observa o movimento annual da terra, a theoria das forças applicadas obliquamente á alavanca, as leis do atrito, as velocidades virtuaes, a camara obscura, a perspectiva aérea, as sombras coloridas, o uso do iris e os effeitos da impressão luminosa, a queda dos corpos, os planos inclinados e arco de curva; e além de applicações mechanicas de hydraulica e fortificação, estuda os phenomenos da respiração e combustão, e o phenomeno geologico da eleva-

¹ O portuguez Sanches precursor do Positivismo (no nosso livro *Questões de Litter. e Arte portugueza*, pag. 274).

² *Compendium Philosophie*, c. 1; ap. Viollet le Duc, op. cit., pag. 460.

ção dos continentes. ¹ Esta actividade mental passava-se em todos os espiritos superiores; ² em 1520 Regiomontano publica o resumo do *Almagesto* de Ptolomeu, em 1527 Fiernel, medico de Henrique II de França, mede a grandeza da terra aproveitando os re-

¹ Draper, *Hist. du Développement des Idées*, t. III, pag. 243.

² Importa accentuar aqui a influencia do Infante D. Henrique, compilando o pouco que se sabe da sua *Eschola de Sagres*:

A villa e praça maritima de Sagres, « foi fundada no anno de 1419 pelo famoso infante D. Henrique, depois que voltou de Ceuta, com o nome de *Tersanabal* ou Villa do Infante, dando a seus moradores, por alvará de 2 de junho de 1461 o privilegio de não pagar meia siza das cousas que comprassem ou vendessem, confirmado por el-rei D. João II, em carta de 13 de agosto de 1486, etc. — Alli assentou elle sua morada para digirir os descobrimentos, que então começou para a Africa, e depois nos devassaram o caminho da Asia e America. Nesta villa erigiu o primeiro *Observatorio* que viu Portugal e talvez a Europa, e no seu proprio palacio estabeleceu uma *Eschola de mathematicas, Nautica e Geographia*, para a qual convidou com bons partidos a varios sabios nacionaes e estrangeiros, entre elles o mestre Jaime da ilha de Malhorea, famoso por seus conhecimentos nas sciencias que vinha ensinar e na construcção de Cartas geographicas, que a Eschola de Sagres converteu depois em Cartas hydrographicas, planas, as quaes duraram seculos, não havendo ainda ha menos de 30 annos outras no Mediterraneo, até que Mercator descobria os principios fundamentaes das cartas reduzidas. Nesta Eschola se formaram os nossos mais habéis navegadores; adquiriram instrucção os fidalgos e cavalleiros de sua casa; e se fez vulgar o uso da bússola e outros instrumentos nauticos, os quaes posto que imperfeitos, eram assás vantajosos para os navegadores, que n'aquelle tempo não usavam da agulha, nem de outro instrumento.

« D'aqui mandava elle sahir embarcações para fazer os descobrimentos que haviaprehendido; em 1431 sahiu d'este ponto em um navio o commendador de Almourol fr. Gonçallo Velho Cabral com instrucções de navegar a O., e voltar logo que descobrisse alguma terra, o que praticou voltando em poucos dias do Baixo das Formigas, que avistou e examinou; tornando no anno seguinte descobriu a ilha de Santa Maria, cuja capitania o Infante lhe deu. Convidados pela fama dos descobrimentos que os portuguezes faziam, concorreram a Sagres muitos estrangeiros notaveis, curiosos de cousas tão extraordinarias, taes como Balthazar, fidalgo allemão, gentilhomem da camara do imperador Frederico III; o malfadado Balart, fidalgo dinamarquez, que embarcou em o navio de Fernão Affonso em 1447 foi morrer a Cabo Verde em huma refrega com os negros, o veneziano Luiz Cadamosto, que nos deixou escriptas as suas viagens n'estes descobrimentos; os fidalgos flamengos Jacome de Bruges, a quem o infante fez donatario da ilha Terceira por carta de 2 de março de 1450 para a hir povoar; Guilherme de Wanderberg, cujo appellido depois mudou para Silveira, ao qual deu a ilha de S. Jorge; Jorge d'Ultra, primeiro donatario e povoador das ilhas do Faial e do Pico; e varias outras que seria fastidioso repetir. »

Foi no seu retiro de Sagres que o Infante morreu em 13 de novembro de 1460.

• Silva Lopes, *Corographia do Algarve*, pag. 210.

sultados da circumducção do globo pelo portuguez Fernão de Magalhães; Rheticus publica as tabuas astronomicas, e Cardan, Tartaglia, Scipio Ferreo e Stefel aperfeçoam a Algebra, instrumento de pasmosas descobertas, até que em 1536 Copernico attinge a concepção positiva do systema planetario.

Era esta immensa curiosidade de espirito que levava para a India, na armada de Martim Affonso de Sousa, o grande professor da Universidade de Lisboa Garcia d'Orta, em 1534, onde tivera uma cadeira de Mathematica, quando veiu dos estudos de Salamanca e Alcalá. A Europa deve-lhe a primeira descripção do *Cholera asiatico*, exposta nos seus *Colloquios dos Simplicios e drogas*, publicados em Goa em 1563, e generalizados na Europa na traducção latina de Carolus Clusius, em 1567, tirando-lhe a fôrma dialogistica. Na Dedicatoria do Licenciado Dimas Bosque, ao leitor, vem alguns traços biographicos: «homem que do principio da sua idade até auctorizada velhice, nas letras e faculdade da medicina gastou seu tempo, com tanto trabalho e diligencia, que duvido achar na Europa quem em seu estudo lhe fizesse vantagem; saindo ensinado nos principios da sua faculdade das insignes Universidades de Alcalá e Salamanca; trabalhando de communicar o bem da sciencia, que nas terras alheias tinha alcançado com sua propria patria, lendo nos Estudos de Lisboa por alguns annos, com muita diligencia, e exercitando-se na cura dos doentes até vir a esta parte da Asia, onde por espaço de trinta annos, curando muita diversidade de gentes, não somente na companhia dos visos-reis e governadores d'esta oriental India, mas em algumas côrtes de reis mouros e gentios communicando com medicos e pessoas curiosas, trabalhou de saber e descobrir a verdade das medicinas simples, que n'esta terra nascem, das quaes tantos enganos e fabulas não somente os antigos mas muitos dos modernos escreveram, e o que elle por tantos annos e por tão diversas partes alcançou, quiz que o curioso leitor n'este breve tratado visse e entendesse; o qual teve começado em lingua latina, e por ser mais familiar a materia de que escrevia, por ser importunado dos seus amigos e familiares, para que o proveito fosse mais communicado, determinou escrevel-o na lingua portugueza a modo de dialogo; e isto causa algumas vezes apartar-se da materia medicinal e tratar de algumas cousas, que esta terra tem dignas de serem sabidas.» D'esta dedicatoria datada de Goa em 2 de abril de 1563, inferem-se preciosos dados para a vida scientifica de Garcia d'Orta.

Distinguia-se tambem na Universidade de Lisboa, o illustre mathematico Dom Francisco de Mello, de quem em um dos seus Autos dizia Gil Vicente «que sabe sciencia a avondo.» Na Oração recitada na abertura da Universidade por mestre André de Resende, em

1534, diz d'elle o celebre antiquario : que se resgata do esquecimento pelos seus escriptos mathematicos. ¹

A esta geração scientifica pertence o celebre Pedro Nunes, (1492-1577) que estudou em Lisboa Philosophia e Medicina, e em Salamanca as Mathematicas. Foi á India como vedor da Fazenda em 1519, facto descoberto por A. de Varnhagen. Em 6 de novembro de 1529 foi nomeado Cosmographo-mór do reino, e em 1530 professor de Philosophia na Universidade de Lisboa, acompanhando-a na sua trasladação para Coimbra em 1537, onde occupou a cadeira de Mathematica, creada em 16 de outubro de 1544, até ao anno de 1562. Dos resultados das suas viagens se aproveitou no livro *De crepusculis*, publicado em 1542, no qual se diz « existirem elementos da theoria de Newton sobre as côres. » Pedro Nunes publicou em Lisboa em 1537 o *Tratado da Sphera, com a theoria do sol e da lua, e o primeiro livro da Geographia de Claudio Ptolomeu*. A sua reputação scientifica fóra de Portugal era enorme, sustentando vigorosas polemicas com os sabios do seu tempo, taes como Oroncio Fineo, no escripto *De Erratis Orontii Finnei*, Coimbra, 1546. Póde-se resumir a influencia scientifica dos seus trabalhos, em que « foi o primeiro que tratou da *loxodromia* ou propriedades das linhas curvas, indicou o methodo para determinar as latitudes por duas alturas do sol e a differença de azimuts ; e o meio de achar o dia do anno cujo crepusculo é mais curto ; porém a principal descoberta a que deve a reputação que ainda gosa, foi a engenhosa divisão que adoptou para os instrumentos astronomicos. Tycho Brahe e o dr. Halley fizeram um grande uso d'esta divisão, que tomou o nome de seu auctor (o *Nonio*) e se conservou até hoje entre os nauticos e os astronomicos. » ² Foi debalde que por algumas modificações n'este aparelho o quizeram denominar *Vernier*, em vez do seu nome secular de *Nonio*. Os titulos de Pedro Nunes para Cosmographo-mór foram o seu livro *De Arte atque racione Navigandi*, (Coimbra 1546, Bâle, 1566) do qual existe uma traducção franceza na Bibliotheca nacional de Paris, n.º 1494. Publicou em Coimbra as *Annotações á Mechanica de Aristoteles*, e em Colonia a *Annotatio in extremo verba cupitis de Climaticis*, e em Anvers as *Annotações á Sphera de Sacrobosco*, 1567. Pedro

¹ « Franciscum Mellum, summa elegantia, summa in scribendo facilitate, summa sapientia virum, qui christianæ philosophiæ non contentus linguæ nitore addere, mathematicis scriptis jam clarus, nomen suum ob oblivionis injuria vindicavit. » *Orat. pro rostris*.

² *Nouv. Biographie générale*, de Didot.

Nunes tinha sido mestre do Infante Dom Luiz e do Cardeal Dom Henrique, e foi chamado do serviço da Universidade para dar lições ao joven rei Dom Sebastião.

Vemos até aqui que a corrente scientifica estava bem representada em Portugal, mas todos estes elementos foram improficuos, porque Dom João III deu aos Dominicanos o poder de terrorisarem as consciencias com os Autos de Fé, e aos Jesuitas o privilegio de imbecilisarem as intelligencias. Estes dois irmãos do monarcha protegiam devotadamente as duas cáfilas, o Cardeal-Inquisidor os Dominicanos, e o Infante Dom Luiz os Jesuitas. É facil de prevér que em uma tal sociedade deveriam dar-se permanentes conflictos entre a religião e a sciencia; o clero aproveitava a impressão dos phenomenos naturaes para conservar o povo sob o jugo do maravilhoso, e os homens de sciencia tinham de revestir-se de uma sublime coragem para explicarem esses phenomenos por leis physicas. Gil Vicente, em uma *Carta que mandou de Santarem a Dom João III*, conta como os frades subiram ao pulpito por occasião do tremor de terra de 26 de janeiro de 1531, hallucinando o povo credulo para fazer a matança dos christãos-novos; o velho poeta servindo-se das doutrinas physicas, convocou os frades no claustro, e explicou-lhes que os terramotos eram effeitos de causas naturaes, que elles não podiam prevér: «o tremor de terra ninguem sabe como he, quanto mais quando será e quammanho será. Se dizem que por astrologia, que he sciencia, o sabem: não digo eu os d'agora, que a não sabem soletrar, mas he em si tão profundissima, que nem os da Grecia, nem Moysés, nem *Joannes de Monteregio* alcançaram da verdadeira judicatura peso de uma oução; etc.»¹ Este *Joannes de Monteregio* é o celebrado *Regiomontanus* (1436-1476) que traduziu as principaes obras dos Astronomos gregos, e resumiu em Epitome o *Almagesto*. Só em 1531, época em que Gil Vicente escreve a carta a Dom João III, é que foram dados á publicidade os resultados das observações de Regiomontano do notavel cometa de 1472. Em um paiz sujeito a constantes terramotos, e a grandes pestes, como observou Buckle, com certeza o perstigio do sobrenatural havia de encontrar no povo uma adhesão absoluta, e um certo desprezo pelas ideias deduzidas das observações scientificas. O rei e a suá familia eram epilepticos, e victimas d'essa organização deram todo o seu poder ás duas hordas de obscurantistas, que atacaram o vigor e a existencia da nacionalidade portugueza no seculo XVI. Portugal foi sequestrado ao movimento

¹ *Obras*, t. III, pag. 385.

científico da Renascença; as tres reformas da Universidade em 1537, 1542 e 1550 foram tres decadencias. A trasladação da Universidade para Coimbra foi um erro deploravel, sob pretexto de tirar esse Estudo do bulicio de uma cidade maritima e mercantil; o seu isolamento afastou-a da realidade da vida, perpetuando a inandade medieval em todas as suas disciplinas pedagogicas. Sob a influencia dos Gouvêas, floresceram de um modo exclusivo os estudos humanistas porém já deslocados, mas facilitando o assalto da Universidade aos Jesuitas em 1550, d'onde dominaram a instrucção publica portugueza até á reforma de Pombal. Historiemos cada uma d'estas tres phases do ensino portuguez na Renascença, sem o que não se explica como é que as Academias, que na Europa foram corporações essencialmente *scientificas*, em Portugal ficaram banalmente *litterarias*, fôcos de um imbecil culteranismo.

THEOPHILO BRAGA.

A CONCEPÇÃO DE DEUS

(Conclusão)

II

Deixando de parte as provas chamadas theologicas e metaphysicas, mesmo as provas formuladas por Leibnitz e Wolf e que Kant já dizia ter refutado, faremos algumas observações dialecticas, que, comquanto não estejam muito de accordo com o espirito que nos dirige, não são mais do que a reproducção dos argumentos de Spenser quando procura provar a incognoscibilidade do problema.

Deus é o sér creador, fez o homem; quaes são os attributos de Deus? Responde-nos a theologia: Deus é poderoso, intelligente e voluntario. Essas qualidades, diz-nos Strauss, não bastam para um Deus; o diabo tambem pôde ser poderoso, intelligente e voluntario, Deus não pôde ser equiparado ao diabo.

E aqui levanta-se uma questão. Deus é bom, entretanto o mal existe; n'este mundo eu vejo a dôr, as perdas irreparaveis, a corrupção, a injustiça, a miseria e a hypocrisia.

A dôr e a miseria existem não por acaso, mas por intenção. O lobo foi creado para dilacerar o cordeiro, os dentes venenosos da serpente só tem um fim: — fazer a victima expirar no meio de agonias atrozes. As tres duzias de especies de parasitas que, como dizem os biologos, são adaptadas para viverem em nosso corpo, foram feitas expressamente para acharem alimento em nossos tecidos.

Ora de que serve o Deus dos theologos em frente de tudo isto? Invoca-se como prova da existencia de Deus a necessidade de um creador para uma obra tão perfeita como o mundo; mas onde está a perfeição?

Helmutz, um illustre sabio, diz-nos que o olho humano, como instrumento de optica, é imperfeitissimo e declara que si um optico lhe mandasse tal aparelho devolvia-lh'o intacto.

Os humores que enchem o olho são maus conductores de luz e a fôrma da lente crystallina é tal que a vista soffre na sua precisão; por exemplo, dizem-nos os physicos: longas linhas rectas, verticaes ou horizontaes, não são correctamente apanhadas pela vista, d'ahi resultam as difficuldades da arte architectural.

Que plano harmonico pôde haver nos olhos da toupeira, olhos que ella não abre, nos dentes rudimentares do embrião da baleia de que nunca se servirá? A baleia adulta devora o alimento; o processo de mastigação lhe é desconhecido, entretanto o supremo architecto deu-lhe dentes.

A biologia está cheia de factos d'esta ordem, basta citar mais um.

Ha certos insectos que tem azas; mas estas azas estão fechadas em um estojo solido, com uma fixidez absoluta. Ha harmonia em tudo isto? Este Deus é intelligente?

Deus é absolutamente perfeito, dizem ainda; mas aqui eu lembro a objecção de Origenes: — Deus creou o mundo, houve pois um tempo em que o mundo não existia; no momento em que Deus pensou em crear o mundo adquiriu uma nova qualidade; no momento em que o creou adquiriu outra nova qualidade: ora, um ser summamente perfeito não pôde adquirir qualidades que anteriormente não tinha; isto é absurdo.

Deus é espirito ou materia? Se é espirito oppõe-se á materia, se oppõe-se á materia é finito porque está em relação com um termo antithetico; Deus finito é outro absurdo.

Deus será espirito e materia? Outro absurdo, porque então Deus tem uma parte material e o que é material pôde ser decomposto pela analyse chimica.

Deus creou o mundo, dizem ainda os theologos. Mas como? perguntamos nós; aonde foi buscar os materiaes para a grande obra? Demais, o que havia antes do mundo? O nada? O que é o nada?

Tudo o que existe é alguma cousa, se o nada existe é alguma cousa; então deixa de ser nada.

Querem que o espaço seja uma fôrma da materia, n'estas condições só apparece o espaço com a materia. Antes de creada a materia se não havia o espaço o que é que havia?

Demais, onde está Deus? No espaço? No espaço occupa lugar, o que occupa lugar tem fôrma; qual a fôrma de Deus?

Fóra do espaço? Mas o que é que se pôde imaginar que não seja espaço?

A substancia espiritual é uma só; não se pôde comprehender uma com certa perfeição e outra não; se Deus é puro espirito e se o homem tem em si a substancia espiritual, essa substancia espiritual é uma parte de Deus; mas isto é outro absurdo, porque o espirito é indivisível.

Deus é infinito e absoluto, dizem ainda, mas o infinito e absoluto, respondemos, é uma intuição, uma intuição logica; existe porque existe o relativo, seu termo antithetico, o relativo é sua manifestação; mas o absoluto e o infinito não têm realidade, são uma condição logica, nada mais, principios incognosciveis.

Já vêem os senhores, pois, que sem negar Deus, o philosopho moderno não pôde acceital-o.

As provas de sua existencia são refutaveis; mas tambem ninguem formulará provas de não existencia.

Os deistas allegam ainda que não ha povo ou individuo por mais selvagem que seja que não tenha ideia de Deus.

A observação demonstra o contrario.

A ethnologia mostra que ha povos que não têm a mais insignificante noção de Deus e outros que têm crenças de tal fórma extravagantes que não se podem chamar uma religião.

Procedamos a esse estudo ethnologico.

III

Para que possaes vêr a variedade de concepções religiosas entre os diferentes povos, antes de citar-vos os factos que colhi em Lubbock, Carlos Comte, Büchner, Fernão Cardim, Ives d'Evreux, Couto de Magalhães e outros ethnologos, vou narrar-vos um dos mythos mais curiosos da intelligencia humana, um mytho indo-algonquino e que encontra-se n'um excellente trabalho de Tylor; procurarei resumil-o; por ahi vereis se tal concepção nos leva a concluir um Deus identico ao dos catholicos. Esses povos adoram a Lua e o Sol.

O padre Le Jeune pediu-lhes explicações sobre o eclipse da lua.

« A Lua eclipsa-se, responderam elles, porque tem seu filho nos braços e isto impede que se lhe veja o rosto.

« Se a Lua tem filho, disse o padre, é porque a casaram.

« Onydéa, responderam, o Sol, é seu marido: elle anda todo o dia e ella toda a noite; se ás vezes eclipsa-se ou obscurece-se é porque toma em seus braços o filho que teve da Lua.

« Sim, objectou-lhes o padre, mas nem a Lua, nem o Sol tem braços.

« Ora, responderam, tem os braços atados para traz, ahi está porque os braços não apparecem.

« As Estrellas são filhas da Lua, o Sol tambem tinha filhos; mas os dois astros temendo que a especie humana não podesse suppor tanta luz e calor resolveram devorar os filhos.

« A lua limitou-se a furtal-os ás vistas do Sol, este julgando-os devorados, comeu os seus. A Lua então fez os seus apparecerem. Quando o Sol viu isto ficou furioso e começou a perseguir a Lua para mata-la; a perseguição continúa; ás vezes o Sol aproxima-se da Lua para mordel-a, então ha eclipses. O Sol, como os homens podem vê-lo, ainda devora suas Estrellas todas as manhãs, a Lua occulta as suas todo o dia quando o Sol está proximo, só deixa-as apparecerem de noite quando o perseguidor se vae embora. »

Este mesmo mytho acha-se no Hindoustam e nos Ho de Chota Nagpore.

É sua unica crença. Onde está ahi a ideia de Deus? Entremos agora no estudo ethnologico.

Segundo o dr. Hooker, os khasias do Indostão não têm religião, e no dizer do coronel Jule, tem uma religião « cuja pratica principal consiste em quebrar ovos de gallinha. »

Abel Remusat prova que os chinezes, os tartaros e os mongoes não têm em sua linguagem palavras para exprimirem a ideia de Deus.

Segundo Barthelemy de Saint-Hilaire deve-se juntar a esta lista os thibetanos e diz o dr. Letourneau que quasi toda a raça mongolica contém centenares de milhões de atheus.

M. Vallace julga impossivel que os insulares das Molucas e da Nova Guiné, que não sabem contar, possam ter ideia de Deus.

O dr. Aram que residiu muito tempo na Australia, no cabo de York, affirma que os indigenas d'esse lugar são inteiramente desprovidos de religião. Hooper, diz dos tusos, povoação de character brando: « Não é possivel verificar se têm o presentimento de um poder divino, o vislumbre d'um governo superior do universo, se adoram um bom genio ou os demonios. »

Burmeister conta que os corados, antigos habitantes do Rio de Janeiro, parecem não possuir o mais insignificante sentimento religioso. Passavam furtivamente diante das portas da igreja sem voltar a cabeça e sem tirar o chapéu.

O selvagem ou autochtone da America do Sul não tem ideia alguma religiosa; sujeita-se á cerimonia do baptismo, ignorando sua significação.

Os indigenas da Oceania, como conta Hasskarll, nunca tiveram a

ideia de um Creador ou sér moral governando o mundo, e todas as tentativas para instruí-los são baldas.

Os bechuanas ou betjuanas, uma das tribus mais intelligentes do interior da Africa Meridional, não têm noções de um sér supremo e sua lingua não tem termo para exprimir a ideia de um creador.

O missionario Moffat diz, referindo-se a este povo: «Tenho muitas vezes desejado achar alguma cousa que tocasse o coração d'esses indigenas; tenho procurado mostrar a elles um altar consagrado ao Deus desconhecido, algum indício da crença de seus antepassados, a immortalidade da alma ou alguma outra ideia religiosa; mas nunca pensaram em cousas taes. Quando me entretinha com os principaes d'entre elles e que fallava de um creador que governa o ceu e a terra, da queda do homem e da redempção do mundo, da resurreição dos mortos e da vida eterna, acreditavam ouvir cousas mais fabulosas, mais insensatas e ridiculas que seus contos exaggerados de leões, hyenas e chacaes. Quando eu dizia que era preciso conhecer e acreditar nos preceitos da religião, soltavam exclamações de surpresa como se isto fosse cousa do outro mundo.»

Oppermann diz que os cafres não têm a mais insignificante ideia do sér supremo, — seu chefe é o Deus.

O inoffensivo povo dos hottentotes reconhece um genio bom e mau; mas não tem templo e culto, excepto as dansas solemnes em honra da lua cheia e d'um pequeno escaravelho luminoso.

Os boschismanos não têm especie alguma de culto.

Quando ronca a tempestade, acreditam ouvir a voz dos maus genios e a ella respondem por maldições e imprecações. O celebre Carlos Darwin conta a proposito dos habitantes da Terra de Fogo, que aprendeu a conhecer durante a viagem em torno da terra no navio *Beagle*, que nem elle, nem os companheiros puderam nunca descobrir que ideia tinham de Deus e quaes eram suas praticas religiosas.

A religião primitiva de Boudha não ensina a existencia de Deus, nem a immortalidade da alma.

Os dous systemas religiosos dos chinezes são tão atheus como o buddhismo, de sorte que, segundo Schopenhauer, a lingua chinesa não tem palavras para designar *Deus* e *crear*.

Segundo o mesmo author a revelação e a ideia de um Deus pessoal derivam de um só povo, os judeus e estas noções si são propagadas no christianismo e no mahometismo é que sahiram todas do judaismo.

Diz Luiz Büchner que a sociedade offerece os mesmos phenomenos; encontram-se individuos cuja educação e instrucção tem sido de tal fórma esquecidas que não têm ideia alguma de um sér supremo.

Os annaes da policia correccional das grandes cidades, taes como Paris e Londres, mostram frequentemente homens que não têm a menor-ideia de Deus, immortalidade, religião, etc.

O ultimo recenseamento na Inglaterra revelou que ha n'esse paiz seis milhões de homens que jámais entraram n'uma igreja e que ignoram a que seita pertencem.

O surdo-mudo Meystre não tinha ideia de Deus, diz ainda Büchner, e não se podia fazel-o comprehender por mais esforços a que se recorresse.

Os selvagens do Brazil, diz Ives d'Evreux, acreditavam em Tupan. Tupan, porém, significa o trovão e não propriamente Deus.

Ives d'Evreux, religioso como era, quiz provar-nos que Tupan era a concepção de Deus; mas cumpre notar que Deus é o sér creador e o trovão pôde incutir terror mas nada crear.

Fernão Cardim diz do indio brasileiro: « Este gentio não tem conhecimento algum do seu creador, nem se ha pena e gloria depois d'esta vida, e portanto não tem adoração nenhuma, nem ceremonias ou culto divino. Não têm nome proprio com que expliquem a Deus; dizem que Tupan é que faz os trovões. »

Segundo o snr. Couto de Magalhães no systema geral da theogonia tupi existem tres deuses superiores: o Sol que é o creador de todos os viventes, a Lua que é a creadora de todos os vegetaes, e Perudá ou Rudá, o deus do amor, encarregado de promover a reproducção dos séres creados.

O grande Gonçalves Dias diz que os tupys não adoram certos deuses, nem reconhecem certas divindades mais do que em geral e em confuso um estrondo espantoso que assombra os homens.

Como vêdes, senhores, o consenso unanime dos povos não tem alcance algum. Dirão que a manifestação é vária, mas a concepção é uma só. O caso porém é o seguinte: Não posso julgar de uma concepção senão pelas suas manifestações; se as manifestações são varias a concepção tambem o deve ser.

A doutrina theologica é levada aos ultimos extremos.

Eis, em rapido esboço, explicada a concepção de Deus.

Devia fallar-vos agora da moderna concepção religiosa; tenho, porém, que desenvolver as doutrinas de Augusto Comte e Eduardo Hartmann, o discipulo de Schopenhauer. Tornal-os-hemos objecto de uma outra lição.

Tenho concluido.

São Paulo.

ARGYMIRO GALVÃO.

DIALECTOS EXTREMENHOS

«... os homens da Extremadura são diferentes dos dantre Douro e Minho : por ã assi como os tēpos : assi tãbē as terras criaõ diuersas cõdições e cõceitos ».

(FERNÃO DE OLIVEIRA, — *Grammatica de linguagem portug.*, 2.^a ed., pg. 85).

I

LINGUAGEM POPULAR DO PERAL

O Peral ¹ é um péqueno *logar* do concelho do Cadaval, na Extremadura. Tendo-se-me offerecido occasião de passar ahi parte de duas férias, na Paschoa de 1883 e na de 1884, colhi todos os materiaes que pude para o estudo do dialecto da localidade, o qual, além de phenomenos communs a outros dialectos da Extremadura, parece apresentar algumas particularidades. Tanto quanto me foi possivel observar, a falla do Peral não differe, ou differe pouco, da de outros *logares* vizinhos, no mesmo concelho.

Transcripção dos sons

a) *Vogaes* :

O systema das vogaes é quasi o mesmo que o do dialecto de

¹ A etym. de *Peral* é evidentemente *pêra*, como por ex. *rosmaninho* é a de *Rosmaninhal*, *junco* a de *Juncal*, etc.

Lisboa, para cujo estudo indico ao leitor o importante *Essai de phonétique et de phonologie de la langue portugaise* (Paris 1883) do meu presado amigo Gonçalves Vianna. Representa-lo-hei assim :

Vogaes oraes			Vogaes nasaes		
	á			ã (ãn, âm)	
é	—	ó	ẽ (ên, ém)	—	õ (òm, òn)
i	e	u	ĩ (in, im)	—	ũ (un, um)
ĩ		ũ	ĩm		ũm

á, é, ó..... são menos abertos do que na Beira-Alta (Mondim).
 e..... representa o som do *e* surdo.
 ẽ, ã..... representam *i* e *u* abafados, isto é, o *i* que se ouve pronunciando *vi* em voz baixa, e o *u* que se ouve no fim da palavra *canto* ¹.

As vogaes não são gutturalisadas como em francês e como nos dialectos minhotos: assim *campo* na Extremadura (*capo*) é diverso de *campo* no Minho (*cãpo*), isto é, *ã* vale como *am* final (em *irmam*, isto é, *irmã*) em alguns pontos da Beira-Alta, e pouco mais claro será que o *a* que no Norte se ouve antes das nasaes *m* e *n* (*cãma* = *cama*, *cãna* = *cana* ²).

Para não mudar a orthographia, não represento por signal especial a não-gutturalisação.

No Peral tambem porém se desenvolve vogal nasal antes das nasaes *n* e *m*: *pipino* (= pepino), *ũma*, *nõme*.

ĩm, ũm..... representam ỹ e ỹ nasaes, isto é, ỹ, ỹ attenuados. Este som, que G. Vianna não encontrou em Lisboa, observa-se no Peral nas syllabas finaes átonas: *fõrum*, *ãndum*, *lãvrum*, *dẽvim*, *arrecẽbim* (= fõrão, andão, lávrão, devem, recebem).

¹ Cf. G. Vianna, *ib.* pg. 5.

² Não é preciso ter muito bom ouvido para conhecer a differença entre o primeiro *a* de *cada* e o primeiro de *cama*: aquelle é *ã*, este *á*.

b) *Ditongos* :

Os ditongos em geral dividem-se em *fôrtes* e *fracos*; aquelles tem a primeira vogal, ou *prepositiva*, accentuada, e a segunda vogal, ou *subjunctiva*, átona; estes são o inverso. Assim *ou* é um ditongo *fôrte* e *uó* um ditongo *fraco*. No dialecto do Peral só encontrei os primeiros :

SUBJUNCTIVA *i*

Oraes	Nasaes
âi	—
— âi —	— âĩ —
— ôi —	— oĩ —
— ui —	— —

A não ser no ditongo *êi*, onde a subjunctiva é attenuada (o que represento por *ÿ*), todas as outras subjunctivas são bem distinctas.

SUBJUNCTIVA *u*

Oraes	Nasaes
áu	—
— éu —	— áũ —
— ôũ —	— (ãõ) —
iu	—

ôũ..... representa um ditongo com *u* attenuado.

c) *Consoantes* :

As consoantes do Peral são eguaes, com pequenas diferenças, ás do dialecto de Lisboa, classificadas por G. Vianna no *Essai de phonétique*, pg. 12-13. Eis as pequenas diferenças a que me refiro:

s..... O s inicial, *c(e)*, *c(i)* e *ç*, e *s* entre vogaes, têm o

mesmo valor que em Lisboa ¹, mas antes de consoante surda, afasta-se do *s* lisbonense, porque é igual ao *s* sub-cacuminal atenuado; tem o valor de *z* atenuado antes das sonoras e de *l* e *m* ². Encontrei porém em algumas pessoas o *s* sub-cacuminal inicial e entre vogaes (*ss*). Vid. adiante.

- l. Nunca ou quasi nunca é gutturalizado em pausa, mas é seguido de um *e* surdo ou *ž*, como *Cadavale*, *annéli*; é-o porém quando se lhe segue consoante (*caldo*, *quintal bonito*). Na pausa creio porém ter ouvido algumas vezes *l* gutturalizado seguido de *le*, ex. *cal-le* (=cal) ³.
- r. Assim como a maior parte das vezes as palavras não acabão em *l*, mas em *le* ou *lž*, assim tambem não aeabão em *r*, mas em *re* ou *rž*: *jéntarž*, *currérž*, *fugirž*. Numa cacographia (carta) encontrei *mdri* (=mar). Estes phenomenos observão-se noutros pontos do paiz.
- x. Nunca tem o valor da explosiva palatal surda *ch*; mas é sempre igual ao *x* português de *caixa*.

A) Phonologia

I CONDENSAÇÃO :

- a) *ó* (=ou coberto e descoberto, excepto antes de vogal):
lôvar, *rôco*, *pôco*, *nôte*, *lôco*, *môco*, *tôca*, *curtó* (=cortou),

¹ Isto é, o *s* de Lisboa, quando inicial, é quasi igual ao *s* francês; quando entre vogaes é quasi igual ao *z* da mesma lingua. Cf. G. Vianna, in *Positivismo*, IV, 76.

² Assim em Lisboa diz-se por ex. *cêsta* e *rejma*, e no Peral *cêsta* e *rezma*.

Para a descripção do *s* sub-cacuminal (o *s* de uma grande parte do Norte), vid. G. Vianna, *Essai*, pg. 24.

³ O *l* gutturalizado português é analogo ao *l cortado* do polaco, e como tal foi já dado pelo meu amigo S. A. o Principe L. Luciano Bonaparte no seu opusculo *On portuguese simple sounds*, 1879, pag. 2, not., onde elle porém se exprime assim: « Therefore I consider the broader pronunciation of the Portuguese *a* [em *alto*] and the Polish of the Portuguese *l* as mere individualisms ». — Para uma exposição mais circumstanciada, vid. *Essai de phonétique* de Gonçalves Vianna, pg. 20-21.

stó (=estou), *vó*, *axó* (=achou). Mas: *stoï incommodado*, *curtoï a mão* etc.; isto é, antes de vogal, *ð* dit. *oï* existe com a subjunctiva atenuada. — A conjunção *ou* é *ó* antes de consoante e *oï* antes de vogal. — Ha uma excepção a esta lei em *lòiréro* (=loureiro). — Em Lisboa, como em todo o sul, não ha differença entre *ou* e *ó*. Vianna, *Essai*, pg. 6. Cf. tambem o meu *Sub-dialecto alemtejano*, pg. 5.

b) *é* (=eu) nos pronomes *mé*, *té*, *sé*, quando procliticos: *mé pae*, *té primo*, etc., mas *mêus paes*, *vendêu*, etc. Isto é o geral, pois numa canção popular encontro *mês olhos*. — Cf. *Sub-dialecto alemtejano*, pg. 5.

c) *ê* (=ei coberto e descoberto, excepto antes de vogal. Cf. *ôu*): *jantê*, *ganhê*, *cêra* (=ceira¹), *cadêra* (=cadeira), *jantê bem*, etc.; mas *ganhêz o dinhêro*, *sêto*, *candêta*, *vêto*, *cêta*, *cintêto*, etc. — Como se vê, o dit. *êi* antes de vogal tem atenuada a subjunctiva *i*². — Entre vogal e as fricativas *x* e *j* não se desenvolve o *i* que se desenvolve no Norte; assim diz-se no Peral, como no Alemtejo³: *bêjo* (=beijo), *quêjo* (=queijo), *quêxo* (=queixo), *pêxe* (=peixe), *amêxa* (=ameixa), *báxo* (=baixo), *cáxa* (=caixa). Em Lisboa ouvi tambem dizer *báxo*⁴.

d) *ũ* (=ũi): *mũto* (=muito).

e) O verbo *é* com o art. o fórma o dit. *éu*, ex.: *éu desingano*. Eguualmente *á* com *um* fórma *áum* (o dit. *áu* nasal), ex.: *tá láum cãosinho* (=está lá um cãosinho).

II METATHESE. a) Ha uma metathese, pelo menos aparentemente, nas seguintes palavras, o que é, creio eu, um dos phenomenos caracteristicos da lingoagem do Peral e em geral do Cada-val: *táuba* (=tábua) com o deminut. *taubêca*, *éuga* (=égua),

¹ *cêra* (=ceira) rima com *cera* (=lat. *cera*).

² Algumas pessoas pronuncião tambem *pêto*, *sujêto* (influencia do *t*). Ouvi porém positivamente *respêto* (=respeito), *acêto* (=aceito), o que mostra a generalidade da lei.

³ *Sub-dialecto alemtejano* por J. Leite de Vasconcellos, pag. 6, not. 3.

⁴ Cf. G. Vianna, *Essai de phonétique*, pg. 42. Em Pinhel, na Beira-Baixa, diz-se tambem *báxo* e não *baixo*, que se diz noutros pontos da Beira.

léuga (=légua), *réuga* (=régua), *áuga* (=água. Em Lisboa *dugua*, também arch.). O phenomeno pôde simplificar-se nesta egualdade:

$$\left. \begin{array}{l} \text{du} \\ \text{éu} \end{array} \right\} + \text{CONS.} + a = \left. \begin{array}{l} \text{...d} \\ \text{...é} \end{array} \right\} + \text{CONS.} + ua.$$

Como se vê, o ditongo desenvolve-se só em syllaba tónica.

b) Dá-se outra metathese, pelo menos apparente, em *drumir* (=dormir), *trumento* (=tormento), *imbracar* (=embarcar). Aqui porém a syllaba é atona.

III APHERESE. a) Dá-se quasi sempre uma apherese no verbo *estar* (*star*): *tá*, *tava*, etc.

b) Egualmente: *nha mãe* (=minha mãe), *nhôr* (=senhor), *nhum* (=nenhum). São estes exemplos os unicos que eu conhêço que offerêção *nh* inicial¹. Na expressão *ôi-nha-mãe* (oh minha mãe) parece que o *i* de *minha* foi formar ditongo com a interjeição. — Diz-se mesmo isoladamente: *nhôr!* *nhôra!*

c) Outra apherese: *istruir* (=destruir). Cf. *istruí-se*.

d) Numa canção *Limtêjo* (=Alemtejo).

e) *Prôssemando* = aproximando.

IV SYNCOPE: *midfre* (=milhafre), *mióca* (=minhoca), *pél sinal* (=pelo signal). No Cadaval ha uma negação pelos esdruxulos; por isso se diz: *paciênça* (=paciencia), *deligença* (=diligencia), *géno* (=genio), *côda* (=côdea), *Inaço* (Ignacio), *Imilo* (=Emilio), *Imila* (=Emilia), *sito* (=sitio), *férrea* (=férrea), *stóira*, *mimoira*, *principo*, *finóiro* (finorio), etc. Cf. §. 5 e o meu *Sub-dialecto alemtejano*, pag. 8, §. x². — Diz-se, como no Minho, *por'qui* (=por aqui).

V. EPENTHESE. Entre nasal e *r* introduz-se um *l* gutturalisa-

¹ *nhôr*, *nha*, e talvez também *nhum*, encoñtrão-se porém noutras localidades. O meu amigo G. Vianna cita a fórma archaica *nháfete* (=neophito), que offerce egualmente *nh* inicial (*Essai de phonétique*, 14). — Cf. o crioulo de Cabo-Verde *nha* (Ad. Coelho, *Os dialectos rom. ou neo-lat. na Africa, etc.*, Lisboa 1881, pg. 41). — Em Gil Vicente encontra-se *enha* (=minha), mas o accentto tónico estava talvez em *nha*, e o *e* inicial marcava o *e* surdo que se ouve antes das palataes (ex. mod. *elhe* = *lhe*). O verso de pg. 428 (*Obr.*, 1, ed. de Hamburgo) «E d'enha mãe: eu herdarei» parece fazer suppôr que se lia *dnha*. Em «Entrará enha sobrinha» (pg. 430), «Renego ora d'enha mãe» (pg. 434), se se lêsse *nha*, os versos ficarião porém errados, (o que não é raro em Gil Vicente).

² Mas, por uma curiosa excepção, diz-se: *Ramirio* (=Ramiro), *scádia*

do: *mão l rota, cão l ruim, sim l rezão* (= sem rasão), *hõbra* (= honra), *têlro* (= tenro), *gêlro* (= genro); mas nem sempre se observa este phenomeno. Em Lisboa diz-se tambem, segundo me informou o meu distincto amigo Gonçalves Vianna, *têlro* e *gêlro*.¹ — Ha uma epenthese de *ɣ* entre *é* e vogal, ex.: *é i alto, pé i alto, é i amigo*, etc. — Epenthese de *a* em *marafim* (= marfim. Cf. *Dialectos beirões*, I, §. 10). — Epenthese de *r*: *aljubre* (aljube), *aljabra* (aljava).

VI. PARAGOGÉ. Aos adverbios em *mente* accrescenta-se *s* (vid. *Adverbios*). — *Rocha-fortes* (= Rocha-forte), nome de lugar, parece apresentar tambem uma paragoge².

Observações sobre as vogaes

a) Ao *en* (*em*) átono da linguagem litteraria corresponde no Peral *in* (*im*)³, ex.:

Alimquer.....	(= Alemquer)
Alimtejo.....	(= Alemtejo)
aumintar.....	(= augmentar)
dévim.....	(= dévem)
dintada.....	(= dentada)
dizim.....	(= dizem)
fázim.....	(= fazem)
intinder.....	(= entender)
pinsar.....	(= pensar)
qim (antes de outra palavra).....	(= quem)
repintina.....	(= repentina)
rinder.....	(= render)
sim (antes de outra palavra).....	(= sem)

(= escada), *petizio* (= petis, do fr. *petit*), *palacio*, *ôndia* (por *onda*). As syllabas post-tonicas contar-se-hião todavia no verso apenas como uma só, — o que attenua a excepção.

¹ Tambem observei este phenomeno nos arredores de Bragança.

² Nos nomes proprios o povo, no geral do pais, accrescenta às vezes um *s*, ex.: *Leites* (appellido, por *Leite*), *Methildes* (= Mathilde), etc. Este facto talvez porém se explique por influencia dos patronymicos *Rodrigues*, *Sanches*, ou de outros nomes onde o *s* é originario como em *Santos*, *Marcos* (nominativos); cf. ainda *Lucas*. — Na Andaluzia diz-se *Madriles* (= Madrid = Madrid). Cf. Marin, *Cant. pop. esp.* III, 246.

³ Contrariamente ao que se dá no Alemtejo. Vid. *Sub-dialecto alemtejano*, pg. 10.

Emquanto não encontrar este phenomeno noutras partes, considerá-lo-hei como um dos caracteres da linguagem do Cadaval.

b) A terminação *-ente* sôa *-énte* (*vénto*, *conténti*, etc.): *-elho*, *-elha* soão *-êlho*, *-êlha* (*burmêlha*, *urêlha*, etc., excepto em *velho*, *velha*).

c) O *o* inicial, que no Minho e Beira sôa geralmente *u*, sôa ò no Cadaval¹: *òfficio*, *òlhar*, *òrêlha* (tambem *urêlha*)², *hòspedar*, etc. — O *á* inicial tem, senão sempre, pelo menos algumas vezes, o som aberto: *àrvóte* (no N. *àrchóte*)³.

d) Gonçalves Vianna, explicando in *Essai de phonétique*, pg. 47, a razão porque em Lisboa se pronuncia *dévir*, *cómix* (o *x* é attenuado) em vez de *deves*, *comes*, diz que é pela influencia do *s* palatal final (i. é, *x* attenuado) sobre o *e* precedente; e em not. acrescenta: « Cette palatalisation est propre aux dialectes de l'Estremadura, Alemtejo et Algarve. Ailleurs on prononce *deves*, *comes*, parceque le *s* n'y est point palatal, mais plutôt sous-cacuminal ». Ora no Peral, onde o *s* antes de consoante é *sub-cacuminal*, pronuncia-se, por ex., *disculpi* (= desculpe), *piscoço* (= pescoco), *discôntra* (= de ex contra): como explicar ésta contradicção com o principio estabelecido por G. Vianna? Talvez se explique admitindo uma influencia da pronúncia de Lisboa sobre a do Peral. Isto é tanto mais verosimil quanto eu creio que não é completamente geral o *is* atono por *es*; assim, nos meus rascunhos, tenho *bescóço*, outra fôrma de *pescóço*, *mestêro* e (= *mysterio*).

e) O *e* final sôa ordinariamente *ǐ*: *hómǐ* (= home), *istudantǐ* = estudante), *cópi* (^v *cópe*, *copo*), *cóvǐ* (= couve), *contentǐ*, etc. Cfr. o que eu disse sobre a pronúncia do *r*. — Cf. *Sub-dialecto alemtej.*, pg. 9.

¹ Esta é a pronúncia de Lisboa tambem. Cfr. o *Nomenclator* de Gonçalves Vianna, onde se manda pronunciar *òlânda*, *òmêro*, *òrácio*, *òlímpia*, etc. (Hollanda, Homero, Horacio. Olympia). Vida infra. — No Alemtejo o *o* inicial é representado por *ô*: *Sub-dialecto alemtej.*, pg. 10.

² Em Lisboa, como me informa o meu amigo G. Vianna, diz-se *ove-lha*, *òrelha*, mas as fôrmas preferidas são *ovelha*, *urelha*.

³ Sobre a pronúncia de Lisboa diz Vianna: « Les voyelles *a* et *o*, lorsqu'elles sont initiales d'un mot dans une syllabe fermée, gardent généralement le son ouvert: on prononce donc *hortelão*, *hospedar*, *armario* et *aspirante* comme *òrtelãu*, *òspedar*, *àrmaríu*, *àspirãte* ». (*Essai de phonétique*, pg. 30). — Cfr. *Sub-dial. alemtej.*, pg. 10.

Observações sobre as consoantes

a) Ao *es* atono inicial da linguagem escrita corresponde muitas vezes, como no Minho, um simples *s*, ex.: *stóira*, *squipáta*, *spadana*, etc., outras vezes porém é pronunciado o *is*, como no uso vulgar, ex.: *istudantĩ*.

b) O *c* muda-se em *g* *sismática* (= *scismatica*). Também na Beira-Alta (Taboação), todos os esdruxulos em *-ático*, *-ática* se mudão em *-atigo*, *átiga*, como: *Viditigo*, *pratiga*, etc. No Porto creio ter também ouvido *sismática*.

c) O *j* muda-se em *z* nestes casos: *alzibeira* (= *algibeira*), *Jorze*. Este ultimo ex., em que talvez houvesse influencia dissimiladora, é já dado como popular na importante obra de F. Adolpho Coelho, *Questões da ling. port.*, pag. 278. — Entre vogaes a linguagem do Peral offerece *j = z* em *puj a mênza* (= *puz a mesa*). — O *z* está representado por *c* em *acenha* (= *azinha*).

d) É muito vulgar na linguagem do Peral um *z* prostheticamente antes de vogal, já na recitação das canções, já na conversação ordinaria, já na narração dos contos. Ex.:

Adeus, ó patria querida,
Z-ond'eu fui bätizado!

—
Z-eu venho do Alimtejo.

—
Z-o sé pai era mé sógro.

—
Z-ôvi um grande boato, etc. ¹

(Continúa).

J. LEITE DE VASCONCELLOS.

¹ Este phenomeno tenho-o observado no Douro (vid. as minhas *Trad. pop. de Portugal*, §. 342, pg. 248), no Minho (por ex. na *Folha de Braga*, n.º 53, de 8 de Abril de 1883, pg. 3, lê-se o seguinte, que foi escrito em tom de zombaria: « *zora adeus! Não nos faça mais cócegas!* » onde *zora* está por *z-ora*), em Tras-os-Montes, na Beira-Alta e no Alentejo. Em mirandês este *z* observa-se mesmo antes de consoante. Pelo que respeita a linguas estrangeiras, vejo nas *Mémoires de la Société d'Anthropologie*, 1873, pg. 344, num estudo de Coudereau Sur *le dialecte berrichon* que « a euphonica *z* se emprega, segundo o A., com abuso, ou como ligação, ou no principio de phrase: *z-elle! a s'en va; z-eux, y s'en m' nonñ* ».

GEOGRAPHIA DE UM PROVERBIO

N'esta *Revista*, a pag. 415, publiquei, a proposito de dois livros recentes, o seguinte proverbio da Alta-Bretanha

La bête sur l'animal,
La monture de Portugal

a que corresponde o de Tras-os-Montes

Um burro sobre um animal
À maneira de Portugal.

Dias depois da *Revista* sahir a lume, recebi uma carta anonyma, com o carimbo postal de Lisboa, na qual se me dava conta de um proverbio analogo que corre na provincia de Auvergne (França). O proverbio diz-se em *auvergnat*, que, como se sabe, é um dialecto provençal. Eis a sua traducção franceza, conforme vem na carta:

Regarde l'entrée du Portugal :
L'âne monté sur l'animal.

Eu muito desejava dirigir-me directamente ao cavalheiro que se dignou communicar-me esta variante mas, já que não posso, aqui lhe agradeço, na persuasão de que elle lerá a presente nota.

Porto, 26 de Outubro de 1884.

J. LEITE DE VASCONCELLOS.

ULTIMOS ROMANTICOS

CAMILLO CASTELLO BRANCO

É sem duvida o escriptor de maior publico.

As suas obras circulam facilmente, sêm discussão, levadas apenas pelo prestigio do seu nome.

Novos e velhos crêem fazer-lhe justiça considerando-o como *mestre* e tambem como o *primeiro romancista da peninsula*. É um idolo litterario, e como tal o tocar-se-lhe será uma irreverencia altamente condemnavel.

Mas a critica que se funda no exame das provas, a critica que por esse facto se mostra imparcial e judiciosa, comprehende que acima de todas as reprovações ou condemnações possiveis, e de todas as conveniencias pessoaes, está a sua missão de esclarecer e dirigir a opinião publica expondo a verdade.

Terá Camillo Castello Branco incontestavel direito á admiração dos seus leitores? Será esta consciante e representará elle effectivamente na litteratura portugueza um papel que lhe dê jus a essa denominação de *grande* que tanto o lisongeia? É o que pretendemos vêr.

*

A superioridade do escriptor de que nos occupamos sobre todos os outros da ultima phase do romantismo é innegavel. O numero das suas obras e o vigor d'algumas, attestam a grande actividade e lucidez do seu espirito. Como polemista até hoje ninguem o excedera: a sua phrase é incisiva e caustica, pittoresca e inimitavel quando se não inclina á elocução classica.

Mas é claro que só tratamos aqui do romancista, o seu principal titulo de gloria, a qualidade eminente que a critica bohemia lhe reconhece elevando-o á altura de Balzac, esse genio que deixou um estudo completo e encyclopedico dos costumes e da sociedade em todos os seus aspectos!

Ora, os romances de Camillo Castello Branco, occupando duas divisões d'uma boa estante, provam a sua enorme actividade em litteratura de fancaria, visto que não exhibem as perfeições artisticas tanto na fórma como no fundo.

Pelo seu numero — que julgamos não ser estranho á sua celebridade — podemos dizer que se em litteratura só fosse grande o que muito produz, elle mereceria como ninguem esse titulo.

Mas a verdade é que elles não têm as qualidades superiores que affirmam uma individualidade.

Os seus typos apparecem-nos sempre com os mesmos tons, invariavelmente, formando uma galeria de creaturas similares. A continua reprodução e copia das anteriores é bem visivel.

Madame Rattazzi no seu livro *Le Portugal à vol d'oiseau*, que tanto ruido causou entre nós por avançar algumas verdades, exprime-se do seguinte modo sobre este romancista: « Camillo Castello Branco, que parece ser o condemnado aos trabalhos forçados da litteratura portugueza, escreve, escreve, não cessa de escrever: superiormente, é uma questão controvertida; enormemente, não offerece duvida. Diz-se que a quantidade supprime a qualidade; dotado d'uma actividade incansavel, igual a uma legião de formigas, elle edificou romances contemporaneos sobre romances historicos, com uma perseverança e um seguimento que desafiam a imaginação. É uma especie de *Quevedo* com um certo sentimentalismo catholico. Particularidade curiosa, todos os seus romances contém infallivelmente um typo de brasileiro, uma menina que se recolhe a um convento, um nobre de provincia e um romantico apaixonado e transparente.

« É invariavel como a chuva e o bom tempo. De tal sorte, o primeiro romance que se lê de Camillo parece muito interessante, o segundo traz-nos reminiscencias, o terceiro adivinha-se, o quarto sabe-se de cór, volta-se a pagina, sabendo-se o que se vae passar. É uma galeria de personagens que raras vezes se renova, como nos museus de celebridades de cera. Seus principaes romances são: *Onde está a felicidade?*, *Doze casamentos felizes*, *O que fazem mulheres*, *Historia d'um homem rico*. Elles são edificados com este madeiramento, cujos esteios, asnas, envasamentos, são invariavelmente os mesmos. » Completemos o esboço pittoresco de Rattazzi: Camillo Castello Branco não possui as facultades analyticas e realistas do romancista a que tão injustamente é comparado. Os

seus romances não tendo alcance social, jámais poderão influir nas consciencias. Idealizando apenas a vida portuense e a d'outros logares do norte, não nas suas manifestações multiplas e sim nas que mais agradam ao seu temperamento e indole, a hyperbole avulta como um producto da imaginação tresloucada e como prova evidente d'um estado mental atrazado. O facto da perfeita similhaça e invariabilidade não se dá só com os personagens, dá-se egualmente com as perspectivas geraes e até com os traços mais salientes. Tambem as nuances, as contradicções abruptas e as hesitações proprias dos sêres vivos, não existem. O mundo que pullula na maior parte d'estes romances é composto de *brazileiros*-minhotos aventureiros, lascivos, e venaes; commendadores enfatuados; morgados crétinos e costureiras ingenuas que se hallucinam e deshonram pelo dinheiro: uns que se movem pelos fervores da exaltação romantica, e outros pelos impetos d'um animalismo suino, como por anti-these violenta; o amor ideal ou a baixa sensualidade. As tramas, os ardis, a circulação do ouro para as mancebias, os raptos, as perfilhações, os casamentos, constituem o assumpto exclusivo.

Analysando tudo isto no seu conjuncto, descobrimos apenas um molde convencional em que se concentram todas as peripecias imaginarias e extravagantes do ultra-romantismo. Poucas vezes a ficção terá sido mais caprichosa.

O fraco conhecimento da vida, o estylo quasi sempre affectado, a nenhuma elevação de espirito nem o menor intuito philosophico; nada d'isto, emfim, que constitue a grandeza do genero litterario a que nos referimos, prova evidentemente que o romancista é d'uma impresciencia deveras lamentavel nos talentos que aspiram á gloria e á immortalidade.

No dizer de Proudhon o interesse do romance não se sustenta se não attingir a realidade. Camillo pretende com a sua imaginação profundar o drama da vida, e d'isto resulta inquestionavelmente a falsidade das suas creações artisticas.

Quando esta affirmativa possa ser impugnada, ficará ao menos o exagero da sensibilidade, das paixões e dos ridiculos, caracterizando toda a sua obra.

Mas admittimos por um pouco que elle se impressiona da simples verdade natural e que a exhibe. Vendo todas as coisas a-travez do mesmo prisma, isto é, limitando-se ao desenho de personagens similhaentes que se agitam na intriga; sentindo apenas os casos singulares da vida no mesmo aspecto superficial, sem a iniciação das causas que os produziram, sem o estudo do meio social, sem a profundeza do psychologo, ou, n'uma palavra, sem o poder intuitivo que á falta de observação é a alma dos verdadeiros artistas; contentando-se com a nota do escandalo ou com o sentimental-

lismo piegas d'um pequeno mundo que vive isoladamente, poderá em tempo algum ser considerado como o fiel interprete do sentir humano como pretendem os seus admiradores ?

Ha inumeros phenomenos psychologicos de grande elevação moral a par das mais infimas aberrações da natureza, e é d'esses contrastes eternos, variados, complexos, que os espiritos geniaes se inspiram, convencidos talvez de que a obra d'arte não pôde ser duravel sem a exhibição d'essas características predominantes. Posto isto ainda, como é (a não ser por effeitos d'uma optica até hoje completamente desconhecida nos dominios da physica) que a bohemia litteraria vê tambem na obra de C. Castello Branco a pintura completa e exacta da sociedade contemporanea ?

As tendencias dos seus personagens não são, é claro, as tendencias de todos ou da maior parte dos individuos, nem podem ser admittidas como as unicas da especie.

Ora, o escriptor romancista ou novellista que não possui aptidões para generalisar, nunca pôde ser julgado um espirito superior. Para maior clareza: aquelle cujas concepções se limitam a uma psychologia acanhada, á reproducção de typos convenientes e convencionaes, tendo só em mira dar-nos a nota emocional do esteril e doentio n'um estylo requintado, ou a baixa e surda expressão da animalidade, usurpa qualquer titulo glorioso com que se arrogue e ensoberbeça.

Lemos todos os romances de Camillo e confessamos não achar esses traços profundos do nosso viver, essa diversidade de caracteres, de sentimentos, de paixões e habitos que constitue toda a acção social. Não existe em nenhum d'elles ao menos um personagem *typico* que viva como encontramos nos artistas de genio, nem as qualidades que justifiquem a admiração.

Estamos certos que se a natureza fosse bem comprehendida nas suas diferentes faces, alguma coisa haveria a notar e a obra do admirado romancista não seria olhada pela critica hodierna como simples producto d'uma actividade frenetica.

Só o que é verdadeiramente humano, de caracter generico, pôde viver na Arte; só essa nota genialmente interpretada será capaz de produzir a bella emoção artistica transformadora do senso moral e do senso esthetic.

As aberrações isoladas e momentaneas dos espiritos excentricos, dos caracteres theatraes, só poderão exercer uma influencia perniciosas nas faculdades affectivas.

Assim, estas breves considerações suggerem-nos outras que passamos a expôr :

Os thuribularios do escriptor que vimos estudando nada demonstram, esfalfando-se no elogio banal que se resume na indicação d'algumas obras primas, e no julgamento do seu auctor como o maior vulto da litteratura portugueza, sem se lembrarem que só é grande em litteratura aquelle que lhe imprimiu uma direcção nova revolucionando as idéas ou os sentimentos.

Segundo a opinião d'uns, essas obras primas intitulam-se *Amor de perdição*, *Estrellas propicias*, *Amor de salvação*, *Filha do Doutor Negro*; segundo a de outros *A Sereia*, *Douda do Candal*, *Onde está a Felicidade?*, *Historia d'um homem rico*, *Doze casamentos felizes*, *O que fazem mulheres*.

Ora, segundo todas as theorias d'arte só pôde ser considerada obra prima aquella que revelar os sentimentos de que vive uma sociedade; dizemos mais: aquella que despertar as sensações mais profundas do sêr, os sentimentos moraes mais elevados e as idéas mais alevantadas do espirito. Não pôde ser obra prima a que não interesse indistinctamente pela emoção todas as partes tanto inferiores como superiores que formam a nossa existencia. Satisfarão os romances indicados sem uma faisca de genio, a estas magnificas exigencias da esthetica moderna? Elles são construidos nas mesmas bases, revelam o mesmo molde usado, gasto, os mesmos processos invariaveis. A noção consciente da obra destinada a viver investigamol-a de balde.

Camillo Castello Branco nunca chegou a conceber um plano de romance; tendo obedecido unicamente á febre ou necessidade de produzir, vêmos n'isso a razão da nenhuma belleza artistica dos seus trabalhos.

Assim, pois, os criticos thuriferarios que passam por *abalizados* revelam-nos nas suas affirmativas ingenuas apenas o seguinte: uma inferioridade espantosa de faculdades estheticas e moraes e a completa ausencia de criterio. Dirigimo-nos aos novos, porque os velhos já não aspiram á corôa de louro nem á direcção da sociedade.

Considerar-se como primores d'arte as extravagancias da imaginação, o que é frivolo e d'um ideal enervante, como por exemplo *O amor de perdição*, a historia mais inverosimil e doentia, que parece inspirada dos extraordinarios dramalhões antigos, e em que, na phrase do proprio auctor, — embora ironica, — «o criticismo moderno verá bastantes aleijões lyricos e umas idéas sceleradas que chegam a tocar ao desaforo do sentimentalismo» (Prefacio da 5.^a edição); e, ainda, o que apenas revela uma preocupação de linguagem atilada, impropria dos personagens e o gosto pelo dialogo em

fôrma de discurso declamatorio e bombastico, como por exemplo no romance *Onde está a felicidade?*, livro d'um fundo pessimista, de caracteres falsos e convencionaes, que nos dá a nota bem frizante do atrazo moral e intellectual de Camillo; julgar-se, finalmente, obras primas as concepções que não visam a um fim, que têm de firmar sua duração sobretudo «em a pureza do dizer» que o auctor considera como utilidade preferivel (Prefacio referido) é o mesmo que vir confessar-se em publico uma completa ausencia de idéas, e a mais crassa ignorancia dos bellos principios da Arte. E para que nos não possam accusar de deturpação de pensamentos, transcrevemos *ipsis verbis* o seguinte periodo de Camillo Castello Branco inserto no mesmo prefacio do *Amor de perdição*, que é a prova mais evidente do seu fraco ideal artistico. Diz elle, convencido «que a alma está sobejamente estudada e desvelada nas litteraturas antigas»: «É certo, que tenho querido imprimir em alguns de meus livros o cunho de utilidade com o valor de linguagem sã e ageitada á expressão de idéas, que pareciam estranhas, como de feito eram, e não se nos deparam nos escriptos dos Sousas, Luceñas e Bernardes.» Por estas palavras se percebe claramente o que iniciamos: — o seu desejo intimo de ser considerado de preferencia como um purista da phrase.

Demos-lhe esse enorme prazer que tanto o preocupa e deleita. Fique muito embora a par ou superior aos doutos da lingua, mas não exija de nós a admiração como romancista eminente, não deixando um livro que lhe dê jus á apotheose.

Pelas razões que ficam expostas podemos concluir que, não tendo Camillo Castello Branco representado um papel importante no romantismo nem no movimento contemporaneo,¹ o plebiscito litterario que o classificou em primeiro logar só pode ser considerado como a genuina e triste expressão d'um publico espiritualmente atrazado.

REIS DAMASO.

¹ Analysamos em o nosso estudo sobre os ultimos romancistas naturalistas os documentos com que elle entrou n'este movimento.

HISTORIA DOS PULLAS OU FULLOS

(Primeiro ensaio historico sobre os habitantes da Africa central)

L'histoire, qui raconte les transformations de tout ce qui a vécu, n'a point jusqu'à present de récits pour la race noire, dont l'existence s'est écoulee dans les impénétrables profondeurs de l'Afrique, comme ces fleuves aux sources inconnues qui vont perdre leurs eaux dans les sables du desert... Pour les races noire et rouge, pour les anciens maîtres de l'Afrique, de l'Océanie et du Nouveau-Monde, il n'y aurait donc rien autre chose à inscrire sur le livre de l'histoire que leur nom.

VICTOR DURUY.

Estas palavras do eminente escriptor, publicadas no seu resumo de historia universal, vem aqui não para salvaguardar com a sua auctoridade uma boa opinião, como é de uso fazer-se, mas para mostrar pelo contrario quanto é falsa uma asserção, que, por ter curso como ponto assente, nem por isso deixa de ser inexacta. Póde aos olhos dos praxistas parecer ousada innovação esta liberdade: aos olhos porém do estudioso e do observador imparcial não póde este caso figurar de novo, nem de original, porque os trabalhos de Tylor, Hartmann, Sir John Lubbock, Nogueira e outros, bem claro attestam que, se as contribuições da ethnologia estabelecem a vida moral de um povo, tambem as da geographia podem coope- rar para a resurreição da historia d'uma raça, quando esse povo ou raça fôr observado em épocas successivas, por viajantes graves e

ilustrados que desprezem tudo quanto é accidental, para profunda-rem o que é permanente e de acção contínua, como os costumes herdados, os vícios transmittidos, as tradições conservadas, as leis consuetudinarias, etc.

É isto que agora vamos provar, arrancando dos livros de viagens, relatorios, impressões e costumes, tudo quanto nos possa elucidar sobre a vida do curiosissimo povo fullo, cuja historia tantos pontos de contacto tem com a dos arabes, exercendo uma grande acção sobre a cultura da Africa alpina ¹.

Esta curiosissima raça apresenta-se na historia como um dos mais energicos elementos da introdução do islamismo na Africa central, e como um dos mais poderosos factores do progresso dos povos do Sudan, pelo menos até ao xvii seculo, quando, depois da propaganda da civilisação europêa pelas armas, embaixadas e missões portuguezas, começaram as outras nações a conquistar e a estabelecerem-se na costa maritima, penetrando em seguida no sertão e atacando os mysterios do deserto, como antes o fizeram os nossos benemeritos João Fernandes em 1445, Pero d'Evora e Gonçalo Annes em 1525, e depois Mem Roiz, Pero d'Estuniga, Pero Fernandes, Rodrigo Rabello, João Lourenço, Vicente Annes, e João Bispo Linguas em 1534, exploradores intemeratos da Nigricia e do Sahará, que precederam em mais de duzentos annos a Burckadt, Mungo-Park e outros em coragem, serviços, dignidade e dedicação!

O conhecimento d'este facto, e o dever de contribuir para a geographia e historia africanas, obrigaram-me a apresentar a seguinte noticia, que mais tem por fim acompanhar o artigo do meu intelligente patricio Barros, do que trazer luz á emmaranhada ethnographia do *negro continente*, tão complexa e mal definida, como difficil de estabelecer na enredadissima trama de emigrações continuadas, cruzamentos seguidos, e guerras de exterminio, que são apanagio e vida d'estes povos, ainda agora no limiar do vasto pantheon da civilisação.

¹ Escrevo com os materiaes da pequena bibliotheca de casa, porque as bibliothecas publicas fechadas durante a época em que escrevi, o Natal, me não poderam dar luz nem cooperação de especie alguma. As viagens de Mollin, Mungo-Park, Barth, Golberry, Winterbottom, Clapperton, Durant, La Barthe, Lambert, e os trabalhos de Rennell, Karl Ritter, Walkenaer, Malte Brun, Fleuriot de Langle, Onésime Réclus, Topinard, Vivien de St. Martin, Vogel, Baimier, Dussieux, Lanier, Lefevre, Bordier, Maury, e outros, foram os que nos serviram para este artigo.

Penetraram no templo! Serão sempre neophytos? Acaso chegarão a adeptos? Nada se pôde avançar de seguro, porque nos horisontes da sciencia mal começam a luzir os clarões do passado d'estes povos ignorados. Alguns factos porém, e entre elles o da republica da Liberia, pôde ser que sirvam a demonstrar que a raça negra, tão desacreditada como vendida, tão mal descripta como observada, pôde chegar a um certo estado de civilisação avançada.

Passemos a vêr qual foi a função social dos fullas, ou melhor digamos o que pudemos colher sobre a historia d'elles.

CARACTERES. — Esta raça apresenta-se-nos em tempos e logares differentes com muitos nomes — Peuls, Fullas, Felans, Fullis, Foleys, Fullahs, Fulbes, Felletas, Felletahs, — e occupa actualmentemente, mais ou menos mesclada com as populações dos paizes occupados, a vasta superficie que medeia entre os parallellos 9° e 18° norte e os meridianos 18° occidental e 15° oriental de Greenwich, preferindo, por se compôr de povos pastores, os paizes bem regados, como a Senegambia, o Bambarra, o Massina, Gando e Haússa sobre o Niger e seus afluentes, e o Bornu e Baghirmi na bacia do Tchad.

Chamados fullos por João de Barros, são hoje conhecidos como *pullas* entre os portuguezes da Guiné, *pullos* no Senegal, *fullan* entre os arabes, *fellani* entre os negros do Haússa, *fellatas* entre os Kanori do Bornu e *fullahs* entre os Mandingas. O nome indigena parece ser Fulbe ou Pullos.

Infiltrando-se por cruzamentos successivos nas populações indigenas, esta raça divide-se em dois ramos: o puro, diminutissimo agora em numero e força, que ora tem a côr vermelha do cobre, ora a do rhuibarbo; e o cruzado ou mestiço de pulla e mulher negra (este é o caso ordinario), que produziu os pullas negros (tokoroos e torodos) e os sisillos, que tem a côr mais os menos escura conforme a quantidade de sangue negro.

Os seus caracteres ethnicos, singulares por serem os de uma raça puramente vermelha, e não pintada como os outros povos de igual côr, não são negroides, e aproximam-se muito dos da raça branca, na qual aliás elles proprios se filiam. Tem o corpo elegante, desenvolvido, direito, as extremidades pequenas, rosto oval, cabellos compridos e lisos, dentes verticaes, feições finas e regulares, nariz mais ou menos aquilino, labios finos e olhos grandes e negros.

Os mestiços ou cruzados tem já caracteres negroides, é claro, mas attenuados pela acção do cruzamento com a raça elevada do elemento masculino, predominante no conflicto da selecção e da hereditariedade das fórmas. Tem os cabellos menos emmaranhados e mais compridos que os dos outros negros, assim como o nariz me-

nos achatado e menos grosso, assim como os lábios que são mais finos, variando a cor do vermelho muito escuro ao castanho claro. Os *torodes* ou Torunkava, que formam a aristocracia de alguns estados pullos, parecem ser o producto do cruzamento do ramo vermelho com os joloffes, que são os mais bellos e os mais elevados typos de todos os negros da costa occidental; os tokoroos são pullas cruzados com as familias nobres das raças negras visinhas, e dos antigos habitantes do extincto e civilizado paiz do Tokoror ou Tockroure e Toro.

Esta sobreposição do pulla ao negro, e a mistura dos typos, explicam, como já o notou o anthropologista Topinard, a circumstancia, muito embaraçosa para o estudioso, de virem apresentados os caracteres ethnicos d'esta raça por modos tão differentes e algumas vezes contradictorios, como se vê em viajantes de monta como Barth e Mungo-Park, e em ethnologistas como Alfred Maury e Muller.

Os pullas negros dão-se o nome de *al pullar*, chamando *fulbé* aos do ramo vermelho.

A sua lingua é o *fulfude*; lingua especial que Fr. Muller filia no grupo nubio, e na qual os dois generos masculino e feminino são substituidos por um genero para *homem* e outro para os *brutos*; é muito suave e harmoniosa, fazendo lembrar por sua sonoridade a lingua italiana, como notou Winterbottom.

ORIGENS. — As opiniões variam: para uns os pullas são cafres, para outros malaios; a estes afiguram-se como tziganes, áquelles como nubios; filiam-nos alguns no grupo dos mestiços de negros e arabes, consideram-nos outros como raça pura. N'este dedalo de opiniões tão differentes e por vezes oppostas, o espirito mais seguro perde-se e o criterio o mais atilado desorienta-se: porque se a questão das origens é tão difficil de resolver que nem para os povos europeus, de historia definida, se pôde bem estabelecer a successão das primeiras raças até se alcançar a aborigene ou a autochtone, o que não succederá ao estudo dos primeiros passos das raças ou povos africanos, de vida tão accidentada e de historia tão ignorada senão completamente desconhecida?

No emtanto aproveitando o que ora podemos manusear, talvez possamos embora muito a custo, separar como inuteis ou inteiramente falsas algumas das conjecturas apresentadas pelos viajantes ou anthropologistas cujas obras temos á mão.

Não acreditamos na origem cafre dos pullas, porque basta a completa ausencia de caracteres negroides n'esta raça para afastar toda a idéa de affinidade com os dominadores da Africa austral.

Não cremos tambem nas suas relações com os malaios, porque estes são brachycephalos e os pullos são dolichocephalos e de ros-

to oval, dentes verticaes, olhos rasgados e estatura desenvolvida. Ha além d'isto a circumstancia de não ter havido até hoje conhecimento de emigrações malaias para o occidente, como forçosamente deveria ter succedido para se explicar o seu apparecimento no Egypto, onde os fellahs são conhecidos ha tanto tempo, antes mesmo das migrações da raça amarella no Pacifico.

Dizem alguns que os pullas são ciganos ou tziganes analogos aos bohemios da Europa que, fugindo da invasão mongolica, foram para o Egypto e a pouco e pouco avançaram até á Senegambia; e fundam a sua affirmação nos habitos pastoraes de uns e outros, no uso exclusivo do leite como alimento, e no typo physico. Mas tambem entre algumas tribus da India ha o uso exclusivo do leite como alimento. Serão por isso indios os fullos? E não provam a ethnographia e a sociologia que em povos differentes e de raças mui distinctas se encontram costumes iguaes? Ainda mais — devendo ter sido forçosamente terrestre a migração dos tziganes, como succede que na historia, agora bem estudada, do Egypto, não figura semelhante invasão de povos do oriente? Por isto pensamos, sem metter em conta o mesaticephalismo dos ciganos, que os pullas não tiveram esta origem.

Serão acaso nubios? Parece que sim, e n'esta opinião temos como auctoridades a Frederico Muller, Bordier, Hartmann e Topinard, amparados pelos seguintes factos comprovativos. Nos antigos monumentos de Thebas da XVIII dynastia vem representadas personagens nigriticas com a coloração vermelha; e ainda na actualidade, como lembra Topinard, os *barabras* do valle do Nilo a montante da primeira cataracta são vermelhos, assim como alguns *danakyls*, os *hymiaritas* (vermelhos) do estreito de Bal-el-Mandeb, a porta das lagrimas, e alguns povos dos afluentes occidentaes do Bahr-el-ghazal, como os Ronga, Dor, Bongo, Kredj e Nyam-Nyams.

O seu typo e a sua physionomia lembram, como observou Hartmann, a dos Bedjas; a sua lingua é analoga á dos nubios como reconheceu F. Muller; os seus habitos pastoraes são como os dos antigos fellahs egypcios, hoje reduzidos a guardas obscurissimos dos templos e sepulturas dez vezes seculares. Foram os fullas ou fellah que trouxeram para o Senegal o boi com bossa do Egypto, alli completamente desconhecido. As tradições pullas apresentam-nos como tendo vindo do oriente.

Tudo isto nos levaria a crêr que realmente este povo é nubio ou de origens nubias, se a mais sensata prudencia não fosse recommendavel em materia tão espinhosa, e tão pobre de documentos como rica em conjecturas. Em todo o caso aqui iremos expendendo a nossa pobre opinião, sem menoscabo de votos mais auctorisados, e sem desprezo dos factos que possam mais ou menos

tarde vir infirmar ou garantir o nosso parecer. Toda a discricção é pouca em taes assumptos; por isso procuraremos e esperaremos tudo quanto nos possa elucidar em tão complicado problema.

HISTORIA. — Vieram do oriente n'uma época muito afastada, d'um paiz muito distante do lado do sol nascente, terra de *Faz* segundo uns e de *Sam* segundo outros. Estavam no Sudan oriental quando os arabes e berberes alli introduziram o mahometismo. Esta invasão expulsou-os para o occidente; mas a meio caminho os fugitivos já convertidos transformaram-se de perseguidos em perseguidores, e, tão ambiciosos como fanaticos propagaram a nova fé até ao alto Niger, impellindo os povos indigenas, mandingas e sarracotes para o occidente. Estes por seu turno exerceram pressão sobre as nações visinhas, forçando os hugos, joloffes, susos e sereres a aproximarem-se das costas maritimas.

No x seculo occupavam o reino de *Ghanata* ao sudoeste de Timbuctu, onde já constituíam o elemento branco (?) predominante.

Duas versões correm sobre o caminho seguido para alcançarem o Niger. Uns affirmam ou melhor conjecturam que atravessaram do sul para o norte o deserto até alcançarem as costas da Mauritania, d'onde em seguida desceram para o Sudan; outros opinam, e esta opinião é mais verosimil, que elles vieram paulatinamente ganhando o occidente, seguindo pouco mais ou menos a linha leste-oeste do Kordofan para o *Ghanata*.

Fosse porém como fosse, o que é certo é o seu estabelecimento sobre o Niger, proseguindo depois no movimento para o sul, e expulsando no seu proselytismo de filhos do Islam os *mandingas* e *joloffes* para o occidente, até occuparem o alto Senegal e tomarem posse do Futa Djallon nos fins do xv seculo. Ahi se desenvolveram a ponto de serem, contra os povos mandingas cujo rei era Mandimansa, *um incendio de guerra* na pittoresca phrase de João de Barros, — levantando-se da parte do sul em uma comarca chamada Futa com tanto numero de gentes que seccavam um rio quando a elle chegavam. Era então rei dos fullos um Temalá a quem D. João II mandou em 1534 uma embaixada.

Depois, sob a reacção dos povos do occidente, caminham para o oriente, apparecendo em 1600 no Haussa; e proseguindo n'esta direcção, propagando o islamismo e infiltrando-se sempre nas populações indigenas, occupam em seguida o Bornu e o Baghirmi sobre o Komadugu e Chari e ás beiras do lago Tchad, apresentando-se depois como pastores e nomadas, sem formarem nações distinctas.

O elemento porém que ficara no occidente como um verdadeiro fermento religioso, desenvolveu-se e cresceu, a ponto de formar sob o nome de *torodo*, um estado que no xviii seculo era governa-

do por um *almamy*, que tomou o nome de *emir al mumenim* príncipe dos crentes. Dedicados, até então á pastoricia, dividiam-se em dois grupos de tribus — umas reunidas sob um chefe chamado Seri occupavam o territorio de Faucoumba, outras gruparam-se em redor de Timbo. Seri passou a seu irmão Séidi o titulo de *alpha* ou chefe supremo, com a condição porém de que os *alphas* fossem eleitos pela gente de Faucoumba, privilegio que por muito tempo conservaram. Seri morreu sem filhos, e Séidi transmittiu o poder a seu filho Kikala, o qual depois o passou a seu filho Malic e este a seu irmão Nouhou. O filho de Malic, Ibrahima, educado por um marabut que lhe ensinara entre muitas coisas o arabe, foi o primeiro que erigiu em systema a conquista e a conversão á mão armada.

Ibrahima combateu e submetteu os Djallonkes, occupou o Futa Djallon, repelliu os ataques dos povos pagãos, que vinham auxiliar os djallonkes; venceu em mais de cem recontros nada menos de cento e setenta e quatro reis ou chefes de tribus; depois, vencedor dos povos do oriente, atacou os do norte, forçou Maka rei de Bondu a tomar o titulo de *almamy* e a abraçar o islamismo; passou, triumphante sempre, o Falémé e o Senegal, chegando victorioso a Kouniakari no centro de Kaarta a cento e sessenta leguas de Timbo, merecendo pela rapidez das expedições e das batalhas o nome de *Sori* (matinal).

Com a morte de *Sori* Ibrahima, succedeu-lhe no throno Alpha Setif seu primo, em quem por vezes delegara em curtos interregnos o poder soberano. Morto Setif, começou, nota Lambert, um periodo de anarchia, assassinios e usurpações, como as da historia dos reis merovingios; dividindo-se os pretendentes ao throno em dois partidos capitaneados pelos primos, filhos de *Sori* Ibrahima e Setif.

Parece que no meio d'estas dissensões, só houve accordo e ordem quando um dos *almamys* Abdul Kader se apresentou como chefe politico e religioso, chamando de novo os torodos á propaganda religiosa, espalhando com o terror a fé pelos paizes vizinhos.

Feitas as conquistas no Sudan, os pullas entregaram-se completamente aos seus antigos habitos pastoris, cuidando dos gados, vivendo em barracas, geralmente no meio de florestas pouco frequentadas, dividindo-se, disseminando-se, e passando uma vida religiosa e pura.

Os paizes, onde nos fins do XVIII seculo havia alguma accumulção, eram o Melli, ou os pequenos reinos de Futa-Tora, Futa-Bon-da e Futa-Djella, d'onde se espalharam para o oriente, occupando os paizes proximos até ao Uaday.

Foi então que se deu a grande revolução iniciada por Danfodio, pulla nobre versado na sciencia dos arabes e no conhecimento das linguas, e considerado pelos seus patricios como um propheta. Este novo Mahomet, Othman Dan Fodie, tendo regressado de uma peregrinação a Méca, e desejando levantar a sua raça do abatimento a que tinha descido, sahi das florestas de Ader ou Tudela, no principio do presente seculo, e estabelecendo-se na provincia de Guber no Haússa edificou uma cidade. Expulso d'ella, reuniu em 1803 os pullas de todos os paizes, e aproveitando-se da confiança que n'elle tinham como propheta, agrupou-os sob certos chefes, aos quaes entregou uma bandeira branca, recommendando-lhes a conquista dos paizes visinhos em nome de Deus e do Propheta, que lhes tinham dado as terras dos infieis, porque só elles pullas eram os verdadeiros crentes.

Depois começou logo a invasão, e com a surpresa do ataque e a furia do fanatismo, a conquista rapida do Kano, do Guber, do resto do Haússa, do Yuric e Nyffé; logo a do Bornu ao oriente em 1809, reinando Ahmed Ali, e a do Yarriba ao poente, que cederam depois de grande resistencia. Por fim chegaram á Bambarra, onde encontraram os seus congeneres Tokoroés e Torodos em lucta com os *joloffes*, que em derrota fugiam para o occidente.

Propagado o islamismo, feita a paz e assegurada a tranquillidade no imperio, os fullos fixaram-se no Haússa, estabelecendo-se principalmente na provincia de Zeg-Zeg sob as indicações de Dan Fodie, que lhes deu as terras e cidades dos negros refugiados nas montanhas.

Em breve Haússa se tornou um grande centro commercial aonde de todos os lados affluíam negros e arabes. A capital do imperio e residencia do propheta era em Sacatu (paragem), edificada em 1805, situada na margem esquerda do Sokoto affluente do Niger, e uma das cidades mais consideraveis e povoadas do Sudan.

Annos depois o rei de Sego, tendo tido conhecimento da morte de Mungo-Park em 1805 attribuida aos felletas (fullos cruzados com os berberes?), declarou-lhes guerra, sendo obrigado a ceder depois de quatro mezes de combate, e a retirar-se ao seu paiz.

Com a morte do propheta em 1816 o Gouber, Zamfra, a Bambarra, e uma parte do Cassina e do Zeg-Zeg, sacudiram o jugo dos pullas. Succedeu-lhe no governo Bello, que teve logo de luctar com o visionario El-Kanemy, bornuense revoltado, que, auxiliado pelos Kanembus, conseguiu em renhida lucta de dez mezes emancipar Bornu do poder dos felletas, collocando no throno seu irmão Mohamed, e edificando Birni, a nova capital, sobre o Sokoto na margem esquerda, a umas quarenta leguas ao sudoeste de Sacatu.

Em 1819, conta Dorchard, tiveram os pullas nova guerra com

o rei de Sego, sendo este de novo derrotado. Bello depois reconquistou Cassina (Cachenah, Katsena, Kathna ou Katschena), onde estabeleceu residencia e de que fez capital, fazendo correrias no deserto, e arrancando aos *haussani*, auxiliado pelos Tuaregs, os paizes revoltados de Kano e Zamfra, sem poder comtudo apossar-se de todo o paiz.

Depois repartem o dominio e o commercio do Sahará com os *tuaregs*, entre os quaes viviam alguns com o nome de arabes *fellela*; alcançam em 1826 grande predominio em Timbuctu; e completam a conquista da Bambarra onde em 1827 já havia um chefe fellela.

O reino de Haússa tinha então um grande desenvolvimento e uma alta cultura. Clapperton conta, para mostrar qual era o estado da civilisação dos fellelas, que entre elles um decimo dos habitantes sabia lér e escrever; havia escólas para os escravos dos dois sexos, sendo os filhos dos ricos mandados para uma villa distante da residencia dos paes, onde vivem em casa de um amigo da familia sob a vigilancia de preceptores, a que chamavam *Malem*.

Com a morte de Bello começou o esphacelamento do imperio — os fullos dividiram-se por dissensões intestinas, e disseminaram-se, ficando os fellela ao norte occupando com os tuaregs o Ader e Agadés e parte do Darfur; outros concentraram-se no Fuladu e no Futa-Djallon; alguns dirigiram-se para a margem esquerda do Senegal, formando uma colonia de pullas sob o dominio d'um *seratick* (chefe); com o nome de *folgianos* agruparam-se alguns na Costa do Marfim; dispersando-se os restantes pelos paizes visinhos.

D'estes estados o principal por sua riqueza, governo e importancia, e o unico sobrevivente é o Futa-Djallon com Timbo por capital. Os seus cinco cantões formavam na primeira metade d'este seculo, segundo Golberry, uma especie de confederação republicana onde uma associação secreta chamada *pourrah*, semelhante ao tribunal vehmico da Edade Media, mantinha a ordem e a justiça. Cada cantão tem um *pourrah* que não póde receber homem nenhum de idade inferior a 30 annos; o supremo tribunal é formado dos conselheiros de idade superior a cincoenta annos, e rege os negocios do estado.

Desapparecendo os pullas de sangue puro na grande massa de cruzados que tinham formado, e perdendo aquelle antigo orgulho que não deixava casar uma mulher fula com um negro, a promiscuidade estabeleceu-se e com ella o desprezo pelos de raça pura que viviam e ainda vivem, raros, afogados na população vigorosa dos seus antigos mestiços.

Entregues ao tratamento dos gados e dispersos, andavam os

fullos livres de preocupações de conquista, quando mais uma vez ainda veio a idéa religiosa arrancar-os ao seu torpôr.

Em 1854 um inspirado *torodo* Hadji Omar, tendo voltado d'uma peregrinação a Méca, fanatisou os fullos, e arrastou para o occidente todas as populações do Niger, em nome do Koran, estabelecendo-se na Bambarra com Segou ou Segu por capital, onde reinou de 1857 a 1861. Perseguido os joloffes e caminhando para o occidente, penetrou nos territorios francezes, d'onde foi rechaçado, depois de uma tremenda derrota que lhe infligiu o general Faidherbe. Vencido ao poente voltou as armas contra o oriente, conquistando o reino de Massina e impondo o seu dominio a Timbuctu. Suspenso pelos *sonrai* nas suas conquistas, morreu em 1865 sob a impressão d'um revéz.

O seu imperio foi dividido pelos tres filhos e esphacelou-se pela completa ausencia d'um poder central e por falta de governo, como succede á maior parte dos estados africanos. Hoje dominam os tokores e torodos, que são os únicos dos pullas que tem estado constituido, se tal nome se pôde dar áquelle aggregado.

Difficilmente se encontrará na historia dos povos africanos e mesmo na historia universal, um que tivesse tão agitada vida e tão benefica acção sobre a civilisação negra. O Sudan é por assim dizer filho dos pullas, e pôde-se com justiça afirmar, comparando as civilisações da Nigricia com as dos povos do Congo e paizes meridionaes, que o equador não separa na Africa só dois hemisphe- rios, separa tambem raças differentes e com civilisações muito distantes, dois mundos distinctos no vasto campo da intelligencia e da evolução social.

Diz o dr. Berenger-Féraud que os fellahs ou pullos na historia da humanidade fizeram o papel d'aquelles corpos especiaes, que se chamam em chimica fermentos, e que penetrando n'uma substancia se destroem e desaparecem, produzindo n'ella uma profunda modificação, que tem como resultado o transformal-a.

Se foram para a Senegambia os precursores da civilisação franceza, foram tambem para toda a Nigricia os creadores d'uma alta cultura intellectual, favorecendo o advento d'uma definitiva occupa- ção europêa.

CARLOS DE MELLO.

ERNESTO PIRES ¹

Venho prestar um tributo de saudade á memoria do amigo intimo e do companheiro. Ernesto Pires, pela sua boa indole caracteristica, prendia a todos: foi por isso que, quando morreu, os que o conhecerão de perto sentirão immenso essa morte. As letras tambem perdêrão, porque, não obstante Ernesto Pires não ter ainda chegado á plana em que os grandes escriptores se revelão, dava porém esperanza de se aproximar de lá, tinha o enthusiasmo da inspiração, e mostrava nos seus artigos, quer em prosa, quer em verso, uma grande energia, que, porém, augmentaria de intensidade, se esses artigos fossem sempre, como convinha, bem meditados. A vida do jornalista e do escriptor de occasião está sujeita a precipitações que não occorrem tão facilmente em quem ruma com pausa, no silencio do gabinete, tudo o que escreve. Parecerá por ventura que a espontaneidade perde com a reflexão: mas a ideia lucra de certo, e a ideia é sempre o mais importante no combate das letras. Ernesto Pires pertencia ao partido republicano: não sei se a democracia portuguesa lhe deve muito ou não; sei porém que elle amava sinceramente o povo, e que se insurgia de alma e coração contra os despotas e os hypocritas. O seu cerebro semelhava um vulcão no arrojio e na actividade: d'ahi o impeto com que escrevia, o que obstava a que ellé estudasse detidamente o assumpto e cultivasse a fórma, pois que raro emendava o que uma vez escrevia. Na apreciação de um caracter torna-se necessario esmiuçar as circumstancias que o determinão. A Sociologia considera o homem não só como tendo uma actividade propria, — *meio interno* ou *biologico* —, mas ao mesmo tempo como dependendo de condições extranhas, muito variadas, — *meio externo*.

Ernesto Silvino Dias Gomes de Castro e Pires nasceu no Porto em 31 de Julho de 1857, mas descendia de uma familia nobre da casa de *Fundo de Villa* em Tras-os-Montes. Nessa provincia passou o meu biographado uma parte da sua mocidade. Faltando-lhe o pae em 1871, ficou entregue aos cuidados de sua mãe a exc.^{ma} sr.^a D. Maria Ernestina Gomes Pires que o mandou educar no collegio da Boa-Vista, onde aprendeu francês e principios de inglês e de mathematica. O espirito um pouco irrequieto de Ernesto Pires não podia soffrer a disciplina collegial: aquella vida regulada por toques de sineta e vozes de prefeitos contrasta de certo com quem por toda a parte aspira á liberdade e não vé deante de si senão horisontes largos. Durante a sua estada no collegio ganhou intimidade com alguns rapazes amigos da litteratura, e pouco depois vemo-lo á frente de duas publicações, uma critica, *Carapuças*,

¹ Por falta de espaço não dei a esta biographia o desenvolvimento que desejava, o que farei n'outra occasião.

e outra litteraria, *O Sonhador* (1876 ou 1877). Nenhuma d'ellas durou muito. Data tambem d'essa epocha a elaboração das *Folhas dispersas*; nellas já E. Pires se inspira mais ou menos em Guilherme Braga.

Os primeiros annos passados na liberdade salutar da aldeia; a repressão soffrida no collegio, o que necessariamente havia de produzir uma expansão violenta; a sua viagem á America; a falta de quem exercesse a cada passo sobre elle uma vigilancia austera, — são, a meu vêr, outras tantas causas predisponentes para que o seu genio, arrebatado tambem por natureza, em breve esquecesse mais ou menos a genealogia e os brasões heraldicos da casa de Fundo de Villa, e se dedicasse de braços abertos á causa democratica, escrevendo poesias e artigos que são verdadeiras explosões. A *Voz do Povo*, publicada em 1878, é propriamente o seu primeiro grito neste sentido.

Casado e com filhos, Ernesto Pires não desvia a sua attenção das lides das letras e da politica. Raro dia passava que não escrevesse ou não ralhasse contra os despotas e os reaccionarios. Ora lyrica, ora revolucionaria, a sua penna não tinha tregoa.

Tomei relações com elle, ahi por 1878. Apesar de serem até certo ponto oppostos os nossos espiritos, o d'elle um pouco turbulento e o meu um pouco pacato, deixei-me levar da bondade que reconheci nelle e pouco depois existião entre nós relações intimas que nunca mais se quebrarão. Ernesto Pires tornou-se algum tanto obeso, o que o obrigava a uma vida sedentaria. Nas vesperas de feriado á noute eu procurava quasi sempre Ernesto Pires para o *cavaco*. Elle estava certo em casa. Sempre affavel, constituia para um certo grupo de rapazes que o conhecião, uma especie de idolo. Ninguem mais franco para com os amigos. Com que saudade recordo essas reuniões nocturnas, que não mais se repetirão! O Pires, sentado á banca, contava-nos as suas partidas de outros tempos ou lia-nos os versos escritos recentemente; Sequeira-Ferraz, que ás qualidades de uma intelligencia bem disciplinada e de um escritor de merito reune as de um cavalheirismo não vulgar, installava-se numa poltrona e com a sua voz pausada e os seus gestos fortes, de sanguineo, applaudia; Ariosto Machado, tão candido como modesto, e cuja unica extravagancia consiste em fazer versos á ultima dama com quem dançou nos bailes da Foz, passeava pela sala, abstracto, alheio a tudo, e apenas desfiando o buço e meditando num idyllio; eu, estendido num canapé, contemplava os tres.

De um d'estes cavacos, resultou o *Cancioneiro Português* que elle e eu redigimos de 1879 a 1880. Saudades da primeira mocidade fizeram de Ernesto Pires um lyrico: *Beatriz*, *Helena* e *Leonor*, tres symbolos vagos de uma mesma ideia, pairavam constantemente deante d'elle. Numa sua poesia, inserta no *Cancioneiro*, lê-se:

Vem, Beatriz, erguer teus negros olhos
A abobada alegre do infinito,
Um vasto mar onde não ha escolhos:

E esquece então as culpas do precito
Que vae, como Caim, calcando abrolhos,
— Mas aguardando o teu olhar bendito.

Na mesma collecção foi tambem publicada a elegante poesia *O pranto de Camões*, depois traduzida em francês por B. Orfeuvre e em catalão por Conrat Roure. Como nem todos os leitores conhecerão a lingua catalã, dou aqui, como amostra, a ultima traducção:

Mana Deu al poeta: « Canta y plora ;
la gloria vé després del sofriment ;
al pit tinch un' urna hont á tot hora
las llagrimas del trist hi van cayent ».

Lo poeta obeheix. Al temps que canta,
en cristalls lo seu plor surt convertit,
y en cayent com una pluja santa
en l'urna que Deu guarda dintre 'l pit.

Y, transformat allí en milions d'estrelles,
per la volta del cel l'escampa Deu.
Quant més plora 'l poeta, més son ellas,
y van brillant las llagrimas arreu.

! No sé, Deu meu, com en lo cel s'hi nota
un sol espay sense gentils clarors !
! Pera inundar del cel la volta tota,
han de bastar de Camoens tants de plors !

O *Cancioneiro Português* representa uma tentativa de concentração de forças; mas, como de ordinario acontece no nosso país ás tentativas generosas, cahiu á falta de collaboradores !

Em 1881 publicou Ernesto Pires o *Evangelho da revolução*, que teve 2.^a edição em 1883. É uma peça declamatoria, em que porém transpirão os sentimentos liberaes do poeta.

Em 1882 appareceu *O poeta moribundo*, versão de Lamartine. Camillo Castello Branco, que acima de tudo põe a correcção da lingoagem, chama a este opusculo « uma nacionalisação ».

O legado de um rei e as *Canções da Canalha*, publicações de Lisboa, de 1883, merecerão-lhe uma carta de Victor Hugo, que eu para aqui transcreveria se a tivesse á mão. Em todo o caso, não me parece que as poesias revolucionarias de Ernesto Pires sejam a sua melhor produção. Ha sempre nellas pouco fundo scientifico e pouca imaginação artistica.

Na occasião em que quasi todo o país se levantou applaudindo Quillinan, deu Ernesto Pires á luz a *Resposta ao insulto Brihgt*, a que aquelle denodado major agradeceu numa carta particular.

Vem ainda animado de espirito revolucionario o folheto *Abaixo o jesuita*.

A principal obra de Ernesto Pires é, sem contestação, a intitulada *Sciñtillações e sombras*, Porto 1883, 192 pg. Este livro valeria comtudo mais se na sua coordenação houvesse uma tal ou qual escolha. Eis aqui uma boa poesia d'essa collecção :

Nós iamos sósinhos, abraçados
Á beira do oceano transparente,
Felizes como vão dois namorados
Que se amão, desde muito, doidamente.

Disseste-me, poisando no meu braço
Essa gentil cabeça inebriante :
— Porque é que vas rolando o sol no espaço,
Até cahir no mar, agonisante ?

Depois, cheio de pranto o rosto lindo,
Perguntaste, e na voz que torvo accento !
— É como o sol o teu amor, infindo,
Ou tem tambem um mar, — o esquecimento ?

É como o sol o meu amor, é certo !
Se agora cae numa voraz descrença,
Ergue-se logo mais febril, inquieto,
Fecundo de vigor, de luz intensa.

Falta-lhe um certo retoque no fim, para ficar mais artistica; isso porém não lhe tira o merecimento. Ernesto Pires traduziu-se bem nestes versos: ora era um crente fervoroso, ora um livre-pensador. Outras composições o demonstrão. O soneto a Pedro de Lima, o desditoso poeta dos *Occasos*, termina conceituosamente:

Não ha consolo que conforte um pai,
Se o coração em lagrimas lhe cái
Sobre a campa da filha que morreu.

Deixae chorar o triste, ó venturosos!
Aquelle pranto, em vóos gloriosos,
Transpõe a immensidade, e vae ao ceu.

Ernesto Pires, que igualmente tinha filhos, e estremecidissimos, antevia assim a dôr que mais tarde havia de soffrer quando dois lhe faltáram.

Não deixou tambem de prestar o seu preito a Camões. Já acima transcrevi uma poesia, mas ha mais. *A Voz da Consciencia*, Porto 1881, contém poesias camonianas. Em 1882 publicou a *Alma de Camões*, folheto a respeito do qual diz o illustre critico o dr. Julio Lourenço Pinto: « Isto não é só verso bem rimado, é poesia, aquella verdadeira poesia, aurea, ardente, que, mau grado, impelle a alma para as espheras mais limpidas e luminosas do ceu da arte. É tudo bom no seu poemeto, e quasi se chega a não acertar com o que é melhor. O soneto *A lagrima* é uma joia, admiravel na fórma e mais admiravel na belleza original dos pensamentos ». A ultima homenagem foi o opusculo *Camões e o amor*.

Ernesto Pires collaborou em muitas revistas e jornaes, como a *Encyclopedica Republicana*, o *Pantheon*, *A galeria republicana*, a *Aurora do Cavado*, o *Tirocinio*, o *Independente regoense*, etc. Redigiu por algum tempo a *Justiça Portugueza* e a *Discussão*, folhas republicanas, e teve ainda a direcção da revista litteraria *A Semana*. A seu respeito encontrão-se apreciações bibliographicas em alguns dos periodicos mencionados e na *Vanguarda*, na *Revista de Estudos Livres*, no *Primeiro de Janeiro*, no *Diari Català*, etc. A *Galeria republicana* publicou o seu retrato e uma biographia, que foi transcrita, na occasião do fallecimento, pela *Discussão*. O *Tirocinio* de Barcellos apresentou tambem ao publico, por essa occasião, os traços biographicos de Ernesto Pires.

Na idade de 27 annos poucos podem mostrar tão longa lista de trabalhos litterarios, e é para lamentar que aquella actividade se extinguisse assim depressa. Ernesto Pires succumbiu a uma lesão pulmonar em 25 de Dezembro de 1884.

Na ultima carta que me escreveu, datada da Maia, onde elle possuia uma quinta, dizia-me, já ha mezes: « Quando raia a aurora para si, desce a noite para mim. Que o seu dia seja mais feliz! » Alludia ao periodo agonizante de sua esposa, que falleceu em seguida. Então ainda elle não pensava na morte, que veio inopinada; lamentava sómente o futuro. Triste futuro, que as sombras toldarão e as lagrimas humedecerão! Lá se partiu para sempre o coração leal e generoso. A terra destroça-o com as garras implacaveis; mas, como aquellas flores que, ao desfôlharem-se, exhalão um derradeiro perfume, intenso e salutar, elle deixou tambem uma memoria honrada e immarcessivel.

J. LEITE DE VASCONCELLOS.